

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALINE MICHALSKI

RELAÇÕES SOCIAIS EM UM ESPAÇO HÍBRIDO -- VIRTUAL E FÍSICO -- A
PARTIR DO “RÉVEILLON FORA DE ÉPOCA” EM CURITIBA

CURITIBA
2011

ALINE MICHALSKI

RELAÇÕES SOCIAIS EM UM ESPAÇO HÍBRIDO -- VIRTUAL E FÍSICO -- A
PARTIR DO “RÉVEILLON FORA DE ÉPOCA” EM CURITIBA

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito parcial à conclusão do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dra. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa.

CURITIBA
2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus; à minha família, por todo o apoio recebido durante toda minha vida e percurso acadêmico; aos amigos, professores e a todas as pessoas que passaram por meu caminho e fizeram parte do meu crescimento até esse importante momento.

RESUMO

Um evento que recebeu o nome de “Réveillon fora de época” reuniu, segundo estimativas, entre oito e 10 mil pessoas, na Praça da Espanha, em Curitiba, no dia 18 de março de 2011. A festa, que comemorava o “ano-novo” se inspirando no ditado popular de que o ano no Brasil só começa depois do Carnaval, teve toda sua concepção e divulgação no site de redes sociais Facebook. Esse não é um acontecimento isolado, mas faz parte de uma série de fenômenos cujas existências ocorrem em um espaço híbrido, virtual e “real”. O presente trabalho analisa o que significam essas práticas que mobilizam centenas de pessoas por meio de um suporte on-line, e marcam presença também no off-line no espaço físico, seja para reivindicar questões da pauta pública, seja para realizar ações que quebram com o ritmo e a lógica tradicional das cidades, ocupando de uma nova forma o espaço público das cidades. Além disso, observa-se o que as características do “Réveillon fora de época” podem elucidar sobre a constituição de um novo padrão de sociabilidade, sobre a relação dessas interações com os espaços das cidades e se elas assinalam uma nova fase do uso das novas tecnologias de informação e comunicação em que ambientes virtuais e reais se tornam espaços em constante trânsito, se interconectam e constituem novas práticas híbridas.

Palavras-chave: interação em sites de redes sociais, “Réveillon fora de época”, hibridismo

ABSTRACT

An event called "New Year's Eve off-season" brought together an estimated eight to ten thousand people in the street of Spain, in Curitiba, on March 18, 2011. The party, celebrating the "New Year" inspired by the popular saying that in Brazil the year only starts after Carnival, had all their design and dissemination in the social networking site Facebook. This is not an isolated event but part of a phenomena's range whose stocks are in a hybrid space, virtual and "real." This paper analyzes what these practices that mobilize hundreds of people through an online support, and are present also in the off-line in physical space, is to vindicate the public agenda of issues, whether to perform actions that break down rhythm and traditional logic of cities, a new way of occupying the public space of cities, mean. Moreover, it is observed that the characteristics of the "New Year's Eve off-season" may elucidate the formation of a new pattern of sociability on the relationship of these interactions with the spaces of cities and if they mark a new phase in the use of new information technology and communication environments in which virtual and real spaces become constant traffic, interconnect and form new hybrid practices.

Key-words: interaction on social networking sites, "New Year's Eve off-season," hybridism

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Assuntos mais frequentes das postagens no evento criado no Facebook durante a sua realização 46

GRÁFICO 2 - Assuntos mais frequentes das postagens no evento criado no Facebook depois de sua realização 47

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Imagem ilustrativa do evento no Facebook	38
FIGURA 2 - Tumblr do evento	41
FIGURA 3 - Foto do congestionamento nas ruas próximas à Praça da Espanha	48
FIGURA 4 - Uma multidão lota a Praça da Espanha	50
FIGURA 5 – A festa deixou muito lixo pela Praça	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 RELAÇÃO ENTRE TECNOLOGIA E SOCIEDADE	16
2.1 NOVAS TECNOLOGIAS COMO SUPORTE PARA NOVAS INTERAÇÕES SOCIAIS.....	17
2.2 SITES DE REDES SOCIAIS E REDES SOCIAIS	22
3 REDES E OS HÍBRIDOS	26
3.1 AS CIDADES ENTREMEADAS PELAS REDES.....	27
3.2 RELACIONANDO CIDADE, REDES E MÍDIAS	32
3.2.1 Mídias táticas	33
3.2.2 Smart Mob e Flash Mobs	34
3.2.3 Mídias locativas.....	36
4 O ANO SÓ COMEÇA DEPOIS DO CARNAVAL: RÉVEILLON VIRTUAL COMEMORADO NA PRAÇA	38
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE	39
4.2 CHAMADAS DE DIVULGAÇÃO DO EVENTO.....	41
4.3 LIVRE EXPRESSÃO PELO FACEBOOK.....	42
4.3.1 A festa.....	47
4.3.2 Uma multidão sai de casa para comemorar o ano que começa depois do Carnaval.....	48
4.3.3 Os amigos, os amigos dos amigos, os amigos dos amigos dos amigos na Praça.....	49
4.3.4 Todos fazem a festa.....	52
4.3.5 A Prefeitura	55
4.3.6 A festa é na Praça.....	57
4.3.7 A festa quebra paradigmas	57
5 CONCLUSÃO.....	59
REFERÊNCIAS.....	64
ANEXOS	67
ANEXO 1.....	68

ANEXO 2.....	70
--------------	----

INTRODUÇÃO

Um evento que recebeu o nome de “Réveillon fora de época” reuniu, segundo estimativas¹, entre 8 e dez mil pessoas, na Praça da Espanha, em Curitiba, no dia 18 de março de 2011. A festa, que comemorava o Ano-Novo, inspirou-se no ditado popular de que o ano no Brasil só começa depois do Carnaval e teve toda sua concepção e divulgação no site de redes sociais Facebook.

A celebração, ao contrário do que pode parecer, não foi um acontecimento isolado, mas faz parte de uma série de fenômenos cujas existências ocorrem em um espaço híbrido, virtual e “real”. Inúmeros outros casos têm atraído atenção para a apropriação dos sites de redes sociais para a difusão de informação, expressão de opiniões e mobilização social. Fenômenos sociais tão diversos quanto o uso de redes sociais nos levantes políticos no Oriente Médio e norte da África; a convocação pelo Facebook do “Churrascão Gente Diferenciada”, no bairro Higienópolis em São Paulo, para protestar contra uma parte do bairro nobre que tenta evitar a construção de uma estação de metrô; a cobertura da campanha do presidente Barack Obama, em 2008; o uso de ferramentas on-line para mobilizar pessoas e criar campanhas em catástrofes, como as chuvas e alagamentos no Brasil ou os terremotos no Japão; o jovem que virou correspondente pelo Twitter da “tomada do morro” em dezembro de 2010 feita por policiais no Conjunto de Favelas do Alemão, na Zona Norte do Rio de Janeiro; ou até mesmo a grande ‘piada interna’ do ‘Cala a boca, Galvão’, iniciada com uma *hashtag*² no Twitter, que extrapolou as redes sociais e chegou aos grandes jornais internacionais.

São episódios criados a partir das possibilidades geradas pela Internet, numa troca entre inserir as demandas reais no virtual e voltar a essa realidade por

¹ Site da Gazeta do Povo - <http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1109891&ch=>

² *Hashtag* – “sinal do jogo da velha que identifica correntes de postagens no Twitter”, segundo o dicionário Oxford de tecnologia <http://idgnow.uol.com.br/internet/2009/11/17/dicionario-oxford-escolhe-palavra-do-ano-em-tecnologia-nos-eua/>

meio do que foi criado no virtual. Da derrocada de presidentes a festas irreverentes, o que representam esses fenômenos?

Em comum apresentam difusão de informações com um alcance planetário de forma instantânea e a descentralização na produção das mensagens. Essa comunicação se dá nos moldes ‘todos para todos’. Essas ferramentas e os saberes necessários para o seu uso não são ofertadas democraticamente, permanecem reproduzindo relações de poder, desigualdade e exclusão. Mas o seu formato permite que seus usuários possam compartilhar informações, ideias, participar de debates, organizar movimentos, descentralizando a produção da informação.

O interesse da pesquisa surgiu a partir da minha convivência diária com redes sociais on-line, observando “ondas de postagens coletivas”, como as *hashtags* no Twitter em períodos como Copa do Mundo e eleições para presidente. Vários outros assuntos atraem e comovem a opinião pública e por causa deles se multiplicam, por exemplo, *memes*³ no Facebook, não apenas de humor, mas com imagens e frases veiculando opiniões, preconceitos, informações ou histórias falsas, como no caso da invasão pelos alunos da Reitoria da USP, em outubro/novembro de 2011. Os assuntos recordes de acessos, postagens e publicações na Internet se tornam pauta das mídias de massa, assim como os usuários da Internet formam seus repertórios a partir do que vêem nos veículos tradicionais. Além dessa mobilização de discursos sobre temas de relevância pública, os sites de redes sociais também mostraram seu potencial para formar rapidamente grupos dispostos a sair às ruas por algum interesse comum. Essas novas manifestações sempre atraíram minha atenção e, por esse motivo, escolhi meu objeto de pesquisa.

Não se deseja afirmar que a participação cívica e a discussão de questões públicas seja uma consequência direta do uso dessas novas tecnologias. O que se pretende discutir nesse trabalho são as novas possibilidades trazidas por essas ferramentas, a forma como elas podem condicionar a realidade.

³ Para Recuero, “memes são idéias, padrões de informação, que circulam “mente a mente”. http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/poneis_e_outros_memes_tts_e_contexto.html Na internet, são conteúdos que ficaram famosos por alguma situação, geralmente de humor, e são repetidos, transformados e adaptados nas mais diversas situações.

O “Réveillon fora de época” foi escolhido como tema desta monografia por ter sido um evento local de grandes proporções e irreverente, que contrastou com a visão corrente da cultura e comportamentos curitibanos. Acontecimentos como esse têm mostrado que o uso dessas redes sociais não se encerra no virtual. Essas ferramentas são utilizadas pelos agentes sociais para suas “demandas reais” e a sua utilização faz parte de um processo de alteração do padrão de sociabilidade.

Os eventos desse tipo ultrapassam os antagonismos que marcam o debate sobre as relações mediadas pelas novas tecnologias entre os idealistas que prevêm uma ciberdemocracia planetária; e os críticos, que vêem as interações que têm como suporte a Internet a alienação do indivíduo, o fim das relações tradicionais de sociabilidade, a decrescente participação cívica. O que significam essas práticas que mobilizam centenas de pessoas por meio de um suporte on-line, e marcam presença também no off-line no espaço físico, seja para reivindicar questões da pauta pública, seja para realizar ações que quebram com o ritmo e a lógica tradicional das cidades, ocupando de uma nova forma o espaço público das cidades? O que as características do “Réveillon fora de época” podem elucidar sobre a constituição de um novo padrão de sociabilidade -- individualismo em rede (CASTELLS, 2003), um padrão focado no indivíduo, na sociabilidade privatizada – e sobre a relação dessas interações com os espaços das cidades? Elas caracterizam uma nova fase do uso das novas tecnologias de informação e comunicação em que ambientes virtuais e reais se tornam espaços em constante trânsito, se interconectam e constituem novas práticas híbridas?

Pretende-se analisar nesse trabalho a relação entre a identidade das interações mediadas pelo computador no site de rede social Facebook e essa nova forma de mobilização social e apropriação do espaço urbano, avaliando o papel daquelas interações na constituição de novas formas sociabilidade, como um novo padrão de interação social, de se ver e agir no mundo, a partir do “Réveillon fora de época”. Dentro dos objetivos, deseja-se ainda analisar especificamente as características que podem fazer desse evento um exemplo de um novo espaço híbrido -- em que os ambientes real e virtual não se apresentam separados, com características exclusivas e restritas, mas se emaranham, formando um único espaço complexificado.

Grande parte dos estudos e debates sobre as sociabilidades mediadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação, com destaque para a Internet e a telefonia móvel, ainda são marcadas pelos “exercícios de futurologia”, diante da velocidade das transformações ocorridas. “A dificuldade de analisar concretamente as implicações sociais e culturais da informática e da multimídia é multiplicada pela ausência radical de estabilidade neste domínio” (LÉVY, 1999, p.24).

E é justamente essa velocidade, para Lévy (1999) uma “constante – paradoxal – da cibercultura”, que explica a sensação de exterioridade, de estranheza, em relação à técnica. Mas a técnica, como afirma Lévy (1999) não é uma entidade exterior à sociedade, mas algo criado e apropriado pelas relações humanas e quando os seus efeitos são negativos ou positivos é na verdade a qualidade das relações humanas as maiores responsáveis.

Aquilo que identificamos, de forma grosseira, como “novas tecnologias” recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um devir coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação. É o processo social em toda a sua opacidade, é a *atividade* dos outros, que retorna para o indivíduo sob a máscara estrangeira, inumana, da técnica. (LÉVY, 1999, p.28)

O número de usuários ativos na Internet cresceu 11,9 por cento em outubro de 2011 frente a um ano antes, atingindo 46,7 milhões de pessoas, segundo dados do Ibope Nielsen Online⁴. O País lidera a lista de países com mais usuários que visitam redes sociais, em proporção ao número total de internautas⁵. O estudo da consultoria Nielsen foi feito com 10 países -- incluindo Estados Unidos, França e Alemanha -- e mostra que 87% dos usuários ativos de Internet no Brasil usam algum tipo de rede social. São mais de sete horas por mês em redes sociais, microblogs, blogs, fóruns, bate-papos e páginas de relacionamento. Em média, em agosto deste ano, cada usuário abriu mil páginas desse tipo de site.

⁴ <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/11/numero-de-usuarios-ativos-na-internet-cresce-12-no-brasil-1.html>

⁵ <http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI5492460-EI12884,00-Numero+de+usuarios+ativos+na+internet+cresce+no+Brasil.html>

Diante do panorama da expansão constante do número de usuários, de apropriações por todas as esferas sociais, da grande adesão de brasileiros aos sites de redes sociais e das demonstrações da sua força para mobilizações sociais, sejam políticas, ou culturais e artísticas, mostra-se indiscutível a necessidade de pesquisas empíricas sobre esses acontecimentos, sem preconceitos e negligências. Além disso, como uma área nova e de mudanças muito velozes, está também lançado o desafio sobre a reflexão dos métodos de estudo e compreensão desses fenômenos.

As redes sociais eram tradicionalmente estudadas pelas técnicas de Análise das Redes Sociais, contudo, a complexidade propiciada pela apropriação das tecnologias, com vínculos que não se limitam a fronteiras geográficas e culturais (etnias, religião, idioma...), representa um desafio a essas abordagens:

(...) O ferramental teórico-metodológico da ARS – marcadamente estruturalista, funcionalista e egocentrado – não tem dado conta de captar a dinâmica desses movimentos, cada vez mais articulados em redes cujos nós, na maioria das vezes, não são indivíduos, mas “representações” de um coletivo. (AGUIAR, 2007, p.2)

As técnicas tradicionais de análise das redes sociais têm forte base matemática e são direcionadas para a produção de representações gráficas. Elas analisam principalmente dados relacionais – tipos de contatos, vínculos, conexões – e dados de atributos – propriedades de indivíduos ou grupos (gênero, renda, ocupação, instrução, etc.), bem como suas atitudes, opiniões e observações. Mas um terceiro tipo de dados pouco explorado pode receber contribuições da Ciberantropologia, uma subárea da Antropologia Cultural. São os dados relativos ao “mundo das ideias”, que descreve significados, motivos, definições e tipificações das ações em rede. A Ciberantropologia vem dedicando atenção ao ciberespaço como um “campo”:

Em sentido amplo, esse campo compreende todos os grupos e movimentos que se organizam online e as respectivas questões sociais, econômicas e jurídicas decorrentes de suas ações. Mas não se trata de pensar a Internet como uma imagem simbólica ou um simulacro das redes sociais que se produzem no mundo real, nem de abordar separadamente redes reais e redes virtuais, e sim de observá-las como um amplo e complexo conjunto de relações formado na interseção de ambas, ou seja, uma rede social transfronteiras onde ocorre um inédito contato intercultural generalizado (LÓPEZ MARTÍNEZ, 2000; TÉLLEZ FERNÁNDEZ, 2002, apud AGUIAR, 2007, p.4).

Como afirma Orozco (2006, p.86), estamos enfrentando uma série de desordenamentos na ordem tradicional das mediações, “uma série de destempos que correm atropeladamente ao longo da vida cotidiana”. Esses destempos são os diferentes ritmos, as superposições de temporalidades com que temos de conviver e que:

Supõem ajustes e processos de aprendizagem substantivos por parte dos atores sociais, e que quase sempre acabam inconclusos. Da parte dos Estados e das instituições, requerem uma formulação adequada de políticas públicas (que quase não ocorrem) que permitam a todos ir transitando de um meio a outro, de uma tecnologia a outra, de uma ritualidade a outra. (OROZCO, 2006, p.86)

Para buscar esses ajustes e aprendizados, é necessário que se olhe atentamente para esses fenômenos, utilizando-se do conhecimento já disponível na área, partindo para a observação da realidade. Esta pesquisa, além de uma revisão teórica de alguns conceitos, se centrará na análise do objeto empírico escolhido, o “Réveillon fora de época”, por meio de um estudo de caso. No capítulo 2, abordar-se-á a questão, a partir do foco das interações mediadas pelo computador; no capítulo 3, serão pensados os híbridos, surgidos em um terceiro momento numa divisão esquemática do período da utilização da Internet desde seu surgimento, em que há um emaranhamento entre comunicação on-line e ações no espaço físico; e no capítulo 4, o objeto empírico será examinado, utilizando-se para isso como fontes as postagens deixadas no evento criado no Facebook, um *release* feito pelos organizadores e uma entrevista com Isbella Fonseca, uma das organizadoras.

2 RELAÇÃO ENTRE TECNOLOGIA E SOCIEDADE

Ao abordar a cultura que emerge com a introdução desses novos meios de comunicação, Lévy (1999) critica o uso da metáfora “impacto” das novas tecnologias da informação sobre a sociedade ou a cultura. Para ele, essa metáfora nos remete a imagem da técnica como algo que “viria de outro planeta, do mundo das máquinas, frio, sem emoção, estranho a toda significação e qualquer valor humano, como uma certa tradição do pensamento tende a sugerir” (LÉVY, 1999, p.21) Mas a tecnologia não é apenas criada e apropriada pelo próprio homem, “como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal (junto com a linguagem e as instituições sociais complexas)” (LÉVY, 1999, p.21).

A técnica não é uma entidade real. Como afirma Lévy, a separação entre sociedade, cultura e técnica só pode ser conceitual. Não há nenhum ator independente que corresponda a ela.

As verdadeiras relações não são criadas entre “a” tecnologia (que seria da ordem da causa) e “a” cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas. (LÉVY, 1999, p.23).

Outro equívoco seria considerar todas as diferentes técnicas como “a técnica”, analisando os efeitos sociais e culturais da “técnica em geral”, como se as diferentes máquinas, desde as máquinas a vapor das indústrias têxteis aos computadores pessoais, significassem as mesmas consequências. Os distintos aparatos tecnológicos têm diferentes efeitos e mesmo uma mesma tecnologia não é usada de uma mesma forma para os mesmos fins.

A técnica é ambivalente, tem uma multiplicidade de significações. A Internet é um grande exemplo dessa multiplicidade de ideias e projetos. Foi concebida para a supremacia militar dos Estados, é umas das grandes questões na competição econômica e responde aos anseios de aumentar a autonomia dos indivíduos, ao ser suporte na produção colaborativa e na chamada “inteligência coletiva”. Esses projetos, mesmo aparentemente em conflito, se alimentam e se reforçam.

Além de não ser um ente independente, mas algo constitutivo da humanidade, e não ser única, mas múltipla em significações, a técnica não é determinante, mas condicionante. Afirmar que a técnica é condicionante significa dizer que ela não é a causa de um fenômeno social, mas que ela oferece novas possibilidades, dá suporte a fenômenos que não seriam presumíveis sem ela. “Não há uma causa identificável para um estado de fato social ou cultural, mas sim um conjunto infinitamente complexo e parcialmente *indeterminado* de processos em interação que se autossustentam ou se inibem” (LÉVY, 1999, p.26). Por isso, uma técnica não é boa, nem má, nem neutra. Trata-se de pensar os projetos possíveis por essas técnicas, mas também não se iludir acreditando em “uma disponibilidade total das técnicas e do seu potencial para indivíduos ou coletivos supostamente livres, esclarecidos e racionais...” (LÉVY 1999, p. 26)

2.1 NOVAS TECNOLOGIAS COMO SUPORTE PARA NOVAS INTERAÇÕES SOCIAIS

Esses fenômenos representam aquilo que está mudando profundamente as formas de 'organização, identidade, conversação e mobilização social: o advento da Comunicação Mediada pelo Computador. Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que as redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador. (RECUERO, 2009, p. 16)

As interações mediadas pelo computador e todas as transformações sociais que vêm ocorrendo com a introdução das novas tecnologias da informação e comunicação têm como plano de fundo um debate acadêmico marcado por antagonismos. De um lado, há teóricos, como Lévy (1999), Lemos (2004) e Rheingold (2002) que advogam a construção de uma ciberdemocracia, uma cidadania planetária e interativa (SANTOS, 2006, apud FREIRE, p.7648); para outros estudiosos, essas interações no ciberespaço levam a perda de contato com o mundo real, a constituição de não-lugares (AUGÉ, 1994), que são principalmente os

nossos espaços de passagem na pós-modernidade, que não possuem significação local própria.

Castells (2003) afirma que esse debate é bastante estéril, não nos leva a conclusões produtivas sobre essa nova realidade e, além disso, ele foi prejudicado por três limitações. Em primeiro, lugar, teve início antes da difusão generalizada da Internet, “baseando suas afirmações na observação de um número reduzido de experiências entre usuários pioneiros da Internet” (CASTELLS, 2003, p.98) (e aqui também se deve ter em conta as diferenças sócio-econômicas de onde se estuda as apropriações dessas novas tecnologias). Em segundo lugar, desenvolveu-se sem uma quantidade mínima de pesquisas empíricas confiáveis sobre os usos reais da Internet. E em terceiro lugar,

foi construído em torno de questões bastante simplistas e, em última análise enganosas, como a oposição ideológica entre a comunidade local harmoniosa de um passado idealizado e a existência alienada do ‘cidadão da Internet’ solitário, associado com demasia freqüência, na imaginação popular, ao estereótipo do *nerd*. (CASTELLS, 2003, p.98)

Ele afirma ainda que, atualmente, essas limitações estão desaparecendo, e deveríamos ser capazes de avaliar os padrões de sociabilidade que advêm do uso da Internet, pelo menos em sociedades desenvolvidas onde já há difusão maciça da Internet.

Apesar de o uso da Internet ter sido estendido para a sociedade em geral em um período recente (década de 1980/1990), a comunicação mediada não pode ser descrita como um todo homogêneo nesse período. Podem ser delineadas, de forma esquemática, três fases diferentes dessa apropriação, como o faz Gosciola (2008. p.38): “mundos diferentes”, período em que foi criado o ciberespaço, em que o espaço virtual era muito diferente do espaço real, e que se prestava a atividades exclusivas do mundo virtual; “mundos semelhantes”, em que o espaço físico foi absorvido pelo ciberespaço, em que “contatos pessoais, trabalho, entretenimento, enfim, diversas formas de convívio, tiveram o seu lugar no ciberconvívio” (GOSCIOLA, 2008. p.39) e “mundos misturados”, a nossa fase atual, caracterizado pela ida do ciberespaço ao mundo real.

Numa primeira fase, chamada por Gosciola, de “mundos diferentes”, surgiram as experiências pioneiras de redes sociais online, as comunidades de interesse temático formadas a partir das interações nos BBSes – Bulletin Board

Systems e *newsgroups* da Usenet, baseadas na cooperação, no intercâmbio de experiências e no compartilhamento de recursos (sobretudo software e informações especializadas). (AGUIAR, 2007, p.9). “Ambos propiciavam a interação entre estranhos anônimos, aproximados por interesses e necessidades afins”. (AGUIAR, 2007, p.9).

Castells (2003, p.100) relembra que os “os primeiros estágios do uso da Internet, na década de 1980, foram anunciados como a chegada de uma nova era de comunicação livre e realização pessoal nas comunidades virtuais formadas em torno da comunicação mediada pelo computador”. A promessa era de sociabilidade irrestrita. Declarações como a do co-fundador da libertária “Electronic Frontier Foundation”, John Perry Barlow, são representativas desse espírito profético: “Estamos criando um espaço em que as pessoas do planeta possam ter (um novo) tipo de relação de comunicação: quero ser capaz de interagir plenamente com a consciência que está tentando se comunicar comigo”. (BARLOW, 1995, p.40, apud CASTELLS, 2003, p.100)

Para Castells (2003, p.105), a noção de “comunidades virtuais”, proposta pelos primeiros estudos sobre a interação social na Internet, apresentava a vantagem de atentar para o surgimento de formas diferentes de interação propiciadas por esses novos suportes tecnológicos, contudo, o termo “comunidade” fez com que formas diferentes de relação social fossem confundidas. Foi estimulada a discussão entre os nostálgicos da antiga comunidade, espacialmente limitada, vista como reduto da coesão social, e os entusiastas das novas comunidades de escolha possibilitadas pela Internet. Assim, essa primeira fase foi determinante para o debate que até hoje perpassa as interações sociais na Internet: as esperanças de uma democracia planetária, de um lado, e o pânico da desintegração social, de outro. A interação entre estranhos que compartilhavam interesses tanto sugeria uma solidariedade sem fronteiras quanto um medo de alienação e de “intercâmbios sociais baseados em identidades falsas e representações de papéis... a Internet foi acusada de induzir gradualmente as pessoas a viver suas fantasias on-line, fugindo do mundo real, numa cultura cada vez mais dominada pela realidade virtual” (CASTELLS, 2003, p.98)

Mas à medida que a Internet se difundiu para o uso da sociedade, “seus efeitos sobre a sociabilidade tornaram-se consideravelmente menos espetaculares”

(CASTELLS, 2003, p.100). No que podemos dividir como uma segunda fase das interações mediadas pelas novas tecnologias, as tecnologias foram absorvidas pelas práticas sociais do “mundo real”.

Os usos da Internet são, esmagadoramente, instrumentais ligados ao trabalho, à família e à vida cotidiana... Embora as salas de chat, os *news groups* e as conferências para múltiplos fins fossem significativos para os primeiros usuários, sua importância quantitativa e qualitativa definhou com a propagação da Internet. (CASTELLS, 2001, p.99)

Nesse momento surgiram e se expandiram os sites de redes sociais, que são uma plataforma on-line para as redes offline dos usuários, adicionam-se amigos, amigos de amigos, pessoas com que se tem alguma forma de contato de forma geral.

E numa terceira fase, citamos uma série de exemplos em que essas novas tecnologias são usadas para as demandas reais, mas de forma a criar situações impensadas antes. São fenômenos que transitam entre os “dois mundos”, formando híbridos, fenômenos que possuem partes suas muito concretas no mundo on-line, mas incidem nos espaços físicos e na ordem já estabelecida do real, provocando mudanças e trazendo forças criativas novas.

Vivenciamos, então, um estágio das redes colaborativas e de comunicação instantânea em que a situação física é predominante tanto quanto o virtual, realidades que vão se permeando a partir da evolução dos recursos e procedimentos de comunicação, promovida principalmente pela convergência e miniaturização das mídias... (GOSCIOLA, 2008, p. 38)

Castells (2003), utilizando “dos esforços de vários estudiosos para sintetizar e interpretar os indícios disponíveis sobre a relação entre a Internet e a sociedade” (2003, p.99), (principalmente Barry Wellman e seus colegas, o panorama dos estudos sobre comunidades virtuais de Steve Jones, e a revisão dos estudos sociais relacionados com as interações sociais na Internet escrita por Di Maggio, Hargittai, Neuman e Robinson), afirma que o uso dessas novas tecnologias nem causa uma fragmentação da sociedade, “uma alienação do mundo real”, nem promove um retorno a um comunitarismo como alguns entusiásticos das novas tecnologias professaram e professam.

A Internet foi apropriada pela prática social, em toda a sua diversidade. “[A Internet] é uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob

todas as suas modalidades.” (CASTELLS, 2003, p.100) Mas essa apropriação tem também efeitos específicos sobre a própria prática social.

Dessa forma, o uso dessas ferramentas não deve ser visto como responsável pela criação de mundos inteiramente novos que impliquem na dissolução de outras formas de sociabilidade, mas nem, por outro lado, que seja esquecida que a sua apropriação pelas práticas sociais tem consequências e mudanças na realidade social, que não são conhecidas previamente. A comunicação virtual nem se descolou do real, nem está acabando com as interações sociais do espaço físico. Esses exemplos mostram como essas ferramentas tecnológicas são utilizadas pelos grupos sociais para suas demandas “reais” e como essas ferramentas também alteram nossos padrões de sociabilidade.

A série de pesquisas citada por Castells (2003) mostra que o uso dessas novas tecnologias não diminui os laços sociais, mas oferece uma possibilidade de reforço dos laços fortes, adicionando interação on-line às relações já existentes, e de multiplicação dos laços fracos, pois, por meio dela, pode-se “marcar presença sem se envolver numa interação mais profunda para a qual não se dispõe de energia emocional naquele dia”. (2003, p.109). E elas ainda dão suporte a formas novas de mobilizações sociais. Podemos ter como exemplo, os eventos, encontros e manifestações promovidos por esses sites de redes sociais, que não teriam a possibilidade quase instantânea de divulgação a um imenso número de pessoas se não por esse suporte tecnológico.

A Internet é o suporte de uma comunicação muito flexível, ao acabar com a limitação das interações sociais ao espaço físico. Para Castells, essas mudanças fazem parte de uma transformação no padrão de interação social para o que o autor chama de “individualismo em rede”. As redes sociais complexas sempre existiram, mas a Internet funciona como um suporte para esse tipo de sociabilidade que, como explica Castells, é a sociabilidade centrada nas escolhas, interesses e estratégias do indivíduo.

A mudança no padrão de sociabilidade para o “individualismo em rede” (CASTELLS, 2003) faz parte de uma série de mudanças históricas mais amplas. A ascensão do individualismo sob todas as suas manifestações é a tendência na evolução das relações sociais. Mas Castells afirma que não é uma tendência meramente cultural, nem um atributo psicológico, é um padrão social, ou é cultural

no “sentido da cultura material; isto é, um sistema de valores e crenças que informa o comportamento, que é enraizado nas condições materiais de trabalho e subsistência em nossas sociedades.” (2003, p.107)

O autor afirma que, a partir de perspectivas sociais muito diferentes, cientistas sociais como Giddens, Putnam, Wellman, Beck, Carnoy e ele, enfatizam um novo sistema de relações sociais centradas no indivíduo. As relações hoje são chamadas por Wellman de “comunidades personalizadas”, corporificadas em redes egocentradas. São relações terciárias, após a transição da predominância das relações primárias (corporificadas em famílias e comunidades) para a de relações secundárias (corporificadas em associações). Essa relação individualizada com a sociedade é a privatização da sociabilidade.

Enraíza-se, em primeiro lugar, na individualização da relação entre capital e trabalho, entre trabalhadores e o processo de trabalho, na empresa de rede. É induzida pela crise do patriarcalismo e a subsequente desintegração da família nuclear tradicional, tal como constituída no final do século XIX. É sustentada (*mas não produzida*) pelos novos padrões de urbanização, a medida que subúrbios e condomínios de luxo ainda mais afastados proliferam, e a desvinculação entre função e significado nos microlugares das megacidades individualiza e fragmenta o contexto social espacial de existência. E é racionalizada pela crise de legitimidade política, à medida que a crescente distância entre os cidadãos e o Estado enfatiza o mecanismo de representação e estimula a saída do indivíduo da esfera pública. (CASTELLS, 2003, p.108)

Além disso, o que se observa é o desenvolvimento de uma comunicação híbrida que reúne lugar físico e ciber lugar para atuar como suporte material do individualismo em rede. “Estamos na presença de uma nova noção de espaço, em que físico e virtual se influenciam um ao outro, lançando as bases para a emergência de novas formas de socialização, novos estilos de vida e novas formas de organização social” (CARDOSO, 1998, p.116, apud CASTELLS, 2003, p.110).

2.2 SITES DE REDES SOCIAIS E REDES SOCIAIS

O termo redes sociais tem sido utilizado, tanto na mídia quanto em estudos acadêmicos, para se referir indistintamente a “experiências de redes sociais das práticas cotidianas e nas lutas sociopolíticas do ‘mundo real’ ou a “comunidades virtuais” e sites de redes sociais. (AGUIAR, 2007, p.1)

“Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)”. (WASSERMAN e FAUST, 1994, DEGENNE e FORSE, 1999, apud RECUERO, 2009, p.24). Ela é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores.

As redes sociais podem ser informais ou podem ser constituídas de forma intencional. As primeiras são as interações de indivíduos em suas relações cotidianas que surgem espontaneamente, sob as demandas das subjetividades, das necessidades e das identidades: as relações familiares, comunitárias, em círculos de amizades, trabalho, estudo, militância etc. Tanto indivíduos como grupos com poder de liderança podem articular, individualmente ou como atores sociais, atuando em nome associações, movimentos, comunidades, empresas, pessoas em torno de interesses, projetos e/ou objetivos comuns. (AGUIAR, 2007, p.3) Mas a principal característica de uma rede é que todos os seus integrantes se ligam horizontalmente aos demais.

Uma estrutura em rede – que é uma alternativa à estrutura piramidal – corresponde também ao que seu próprio nome indica: seus integrantes se ligam horizontalmente a todos os demais, diretamente ou através dos que os cercam. O conjunto resultante é como uma malha de múltiplos fios, que pode se espalhar indefinidamente para todos os lados, sem que nenhum dos seus nós possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais. Não há um “chefe”, o que há é uma vontade coletiva de realizar determinado objetivo. (WHITAKER, 1993, apud AGUIAR, 2007, p.3)

O estudo das redes sociais não é novo. Antes do século XX, na tentativa de compreender o todo dos fenômenos, esses eram dissecados, cada uma de suas partes era estudada detalhadamente, paradigma frequentemente referenciado como analítico-cartesiano. (RECUERO, 2008, p.17). No entanto, a partir do início do século passado, começaram a surgir estudos que trazem o foco para o fenômeno como constituído das interações entre as partes.

Conceitos de “redes” nas ciências humanas têm sido formulados em diferentes disciplinas a partir de metáforas que remetem a inter-relações e associações, vínculos não-hierarquizados, todos envolvendo relações de comunicação e/ou intercâmbio de informação e trocas culturais ou interculturais. Os diversos padrões de formação de redes de indivíduos e grupos sociais começaram a ser estudados a partir da década de 1940, sobretudo por sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais dos EUA, Inglaterra e Alemanha (BARNES, 1972; ROGERS e KINCAID, 1981, SCOTT, 1992; apud AGUIAR, 2007), que utilizaram diferentes metáforas (malha, trama, árvore, teia) para descrever os padrões de conexão e de fluxo de informações entre os nós, até chegar à complexidade de um rizoma (DELEUZE e GUATTARI, 1996, apud AGUIAR, 2007).

Sites de redes sociais são, na verdade, os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet. Foram definidos por Boyd & Ellison (2007, apud RECUERO, 2001, p.102) “como aqueles que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator.”

Para as autoras (RECUERO, 2009, P.102), a grande diferença entre sites de redes sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador é o modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço off-line. Os sites de redes sociais são principalmente “uma plataforma informatizada inicialmente para encontro virtual de pessoas que se conhecem na vida real, que passam a interagir principalmente ou exclusivamente online.” (AGUIAR, 2007, p.10) Ou seja, as redes sociais já existentes na vida real ganham uma nova plataforma para a comunicação.

Esses sites foram criados e desenvolvidos, segundo Aguiar (2007, p.10), por motivações comerciais a partir de tendências de comportamento identificadas por pesquisas de mercado. Dessa forma, tem o foco no indivíduo como consumidor. Duas pesquisas acadêmicas: o experimento sobre o “mundo pequeno” (small world), realizado em 1967, pelo sociólogo e psicólogo estadunidense Stanley Milgram, que gerou a ideia dos “seis graus de separação”, e o estudo sobre a “força dos vínculos fracos” (sobretudo nos contatos profissionais) foram a inspiração dos primeiros sites desse tipo lançados nos Estados Unidos em meados dos anos 1990. (AGUIAR,

2007, p. 10) O Classmates.com, criado em 1995, ultrapassou a marca de 40 milhões de membros ativos nos EUA e Canadá, em 2006, segundo a sua página institucional.

Em 2002, foi lançado o Friendster, que alcançou uma inesperada audiência de 3,3 milhões de usuários em menos de um ano, “no qual os usuários constroem um perfil público (ou semipúblico) a partir de dados estruturados em um formulário e o associam aos perfis de amigos, amigos de amigos e conhecidos com os quais possuem algum tipo de proximidade e de identidade na vida real, mediante uma rede de hiperlinks que conectam as páginas individuais.” Mas os servidores da rede computacional não agüentaram a demanda, o que abriu espaço para novos serviços do gênero, lançados entre 2003 e 2005, como MySpace, Facebook e Orkut. Hoje há dezenas de sites de redes sociais relacionados a algum tipo de “subcultura” (adolescentes, músicos, participantes de jogos, entre outros).

3 REDES E OS HÍBRIDOS

Para muitos autores, no período atual, chamado de pós-modernidade, hiper-modernidade ou ainda modernidade líquida (BAUMAN, 2001), as redes são uma espécie de “paradigma e personagem principal das mudanças em curso” (PARENTE, 2004, apud GONÇALVES, 2007, p.4). O cerne do pensamento das redes está em não considerar os fenômenos em partes isoladas, mas a partir das interações e do todo. Dessa forma, os conceitos e definições passam por transformações. As categorias não podem ser pensadas a partir de si mesmas, mas sempre em relação às outras.

A crise desses modelos de representação parece ter como indício a presença daquilo que Bruno Latour (1994, p.54) chamou de “híbridos”, a figura virulenta da multiplicidade que não cabe em categorias e na modernidade era ‘varrida para baixo do tapete’ por meio de operações de purificação. (GONÇALVES, 2007, p.3)

Stuart Hall (2003) afirma que processos de hibridismo culturais, configurações sincretizadas da identidade cultural, requerem a noção derridiana de *diférance* – “uma diferença que não funciona como através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim.” (HALL, 2003, p.33). A novidade entra no mundo, para a romancista Salman Rushdie, citada na obra de Hall, pelo hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação que vem de novas e inusitadas combinações dos seres humanos, culturas, ideias, políticas, filmes, canções.

A partir do final dos anos 1980, híbrido tornou-se palavra-chave para definir as sociedades contemporâneas. O vocábulo foi empregado por Néstor García Canclini (1989) para dar título à sua obra “*Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*” (SANTAELLA, 2008, p.20).

De fato, não poderia haver um adjetivo mais ajustado do que “híbrido” para caracterizar as instabilidades, interstícios, deslizamentos e reorganizações constantes dos cenários culturais, as interações e reintegrações dos níveis,

gêneros e formas de cultura, o cruzamento de suas identidades, a transnacionalização da cultura, o crescimento acelerado das tecnologias e das mídias comunicacionais, a expansão dos mercados culturais e a emergência de novos hábitos de consumo. (SANTAELLA, 2008, p.20)

O termo se mostrou muito adequado aos novos domínios surgidos com o Ciberespaço, termo cunhado, pela primeira vez em 1984 no romance de ficção científica de William Gibson, “Neuromancer”. Os “objetos do mundo virtual” não são físicos, mas, “nem, necessariamente, representação de objetos físicos, mas tem a forma, caráter e ação de dados, informação pura” (SANTAELLA, 2008, p.21) O ciberespaço é um mundo virtual global coerente e independente do uso que se faça dele.

As redes e seus produtos, os híbridos, sempre existiram, contudo, agora se tornaram mais visíveis graças aos meios técnicos. As redes informáticas e virtuais de conexão permitem ver claramente as estruturas de interconexão entre os elementos.

O termo “hibridismo” vem sendo usado para designar vários aspectos da emergente cultura cibernética -- da convergência das mídias no mundo digital e mistura de linguagens a uma característica mais recente: “a interconexão dos espaços físicos de circulação com os espaços virtuais de informação a que os usuários de dispositivos móveis se conectam.” (SANTAELLA, 2008, p.20)

3.1 AS CIDADES ENTREMEADAS PELAS REDES

O espaço urbano na cibercultura passa por transformações, principalmente modificações espaço-temporais. André Lemos (2004) chama a cidade nesse novo estágio de “cidade-ciborgue”, evitando o determinismo tecnológico e o futurismo utópico, priorizando as infra-estruturas digitais em sua interface com o espaço urbano.

A cidade ciborgue é a cidade da cibercultura, preenchida e complementada por novas redes telemáticas – e as tecnologias daí derivadas, Internet fixa, *wireless*, celular, satélites, etc – que se somam às redes de transporte de

energia, de saneamento, de iluminação e de comunicação. (LEMOS, 2004, p.130)

O autor relembra que a cidade é, desde suas formas fundadoras, um artifício, ou seja, a cidade, pela relação que é própria da cultura, é produto da luta humana com a natureza e marca, dessa forma, a singularidade de sua humanidade. O artificial é assim, ao contrário do que pode se imaginar, “profundamente humano”. Mas o uso da metáfora “ciborgue” carrega, além do aspecto “artificial”, a visão da cidade como um organismo vivo.

Um dos primeiros pensadores a vincular a ideia de cidade à metáfora do organismo foi Claude de Saint Simon no século XIX. A partir de então as ciências sociais interessam-se pelo tema, influenciando a própria formação da sociologia e escolas como a de Chicago no começo do século XX. Para Saint Simon a cidade é um organismo vivo, permeado por redes que o alimentam e o mantêm em funcionamento.

A ideia de rede trata as cidades através da metáfora do organismo vivo, construídas pela intersecção de duas formas de redes: uma rede material composta de trocas de energia e matéria-prima e uma rede espiritual formada pelo fluxo financeiro. Saint Simon vai assim ser o precursor e influenciará a sociologia urbana da Escola de Chicago no início do século XX e a atual emergência da análise de redes telemáticas (MUSSO, 1997; PERROCHIA, 2001 apud LEMOS, 2004)

As cidades-ciborgue não surgem do nada. Suas origens remetem à evolução urbana moderna, ou seja, a partir das últimas décadas do século XIX e das primeiras do século XX. A partir das décadas de 1970 e 1980, começa-se a vislumbrar as transformações tecnológicas e sociais da era da informação.

A economia industrial vai pouco a pouco interagindo com uma nova economia pós-industrial que por si está gerando novos paradigmas... A informação ganha peso estratégico e uma nova economia surge em busca de constante flexibilidade, descentralização, gestão da informação e eficiência. (LEMOS, 2004, p.133)

O que Lemos então chama de “ciborguização” contemporânea é a extensão desse processo de artificialização nas cidades. As cidades que sempre foram um conjunto de redes, agora somam também as redes telemáticas e o que elas formam,

chamados por Castells de “espaço de fluxos”. Lemos (2004, p.134) define o espaço de fluxos como: “uma organização material que permite práticas sociais simultâneas sem necessariamente haver uma continuidade territorial física”.

Não há o fim do “espaço de lugar” nas cidades-ciborgue, o que se observa é uma inter-relação de espaços. “O ciberespaço, como afirma Benedikt (1992), aumenta e complexifica a realidade das cidades contemporâneas”:

Estamos assistindo a mutações importantes no que venha a ser o espaço urbano (suas práticas, suas formas econômicas, o exercício da política, a constituição e a transmissão da cultura) e não a sua dissolução no eletrônico-virtual. O fato é que as potências intrínsecas do avanço tecnológico, de antemão, já determinam um futuro inexorável da entrada das cidades na lógica das redes telemáticas, a cidade-ciborgue, tornando-se necessária uma reflexão sobre todas as conseqüências dessas novas incorporações. (Lemos, 2004, p.134)

Diversas práticas sociais contemporâneas exemplificam essa conexão, como as experiências das cidades virtuais, os *flash mobs* e *bookcrossing*⁶, comunidades, ativistas e mesmo uma reunião de “cidadãos comuns” que hoje utilizam as redes sociais para organizarem passeatas e protestos, entre outros. Fica evidente uma nova reorganização do espaço urbano e das práticas sociais em relação com o espaço virtual.

O uso dessas redes telemáticas está permitindo o controle global e as funções de gerenciamento pelas grandes cidades. O que importa não é a gestão física do trabalho, mas a gestão de processos de comunicação entre empresas, consumidores e fornecedores. (LEMOS, 2004, p.138)

Mas essas relações virtuais não significam a dissolução do espaço urbano e é ainda justamente nos grandes centros urbanos em que se vê o crescimento da cidade-ciborgue. “O poder está onde sempre esteve, nas grandes cidades mundiais, como Londres, Nova Iorque ou Tóquio” (Sassen, 1993, apud, Lemos, 2004, p. 138). Elas atuam como operadores e receptores privilegiados dos produtos da era da informação, como se percebe nas manifestações que utilizam as redes sociais, mas

⁶ “O *bookcrossing* é uma prática organizada via rede para deixar livros que serão achados por pessoas, lidos e deixados novamente no espaço urbano”. (LEMOS, 2004, p.135)

concentram suas ações prioritariamente nas grandes cidades. As redes também favorecem uma descentralização espacial ao criar um novo sistema de troca inter-regional de bens, de informações e de serviços com desenvolvimentos ainda mais desiguais entre cidades e regiões.

Entender a cidade ciborgue é uma tarefa complexa e que parece vir sendo negligenciada. Os problemas que afastam os urbanistas na visão de Lemos (2004) podem ser a “invisibilidade dos impactos e a herança positivista do planejamento urbano do século XX” (GRAHAM, MARVIN 1996, RAMOS de ALMEIDA 2001, apud LEMOS, 2004, p.138)

Os modernistas planejaram as cidades com uma visão de estabilidade de usos, separadas em “blocos monofuncionais”, a partir do conceito de cidadãos também com direitos definidos -- o que foi uma conquista, mas limitou as reivindicações.

Os cânones da cidade modernista parecem desconsiderar as pulsões internas que são próprias de toda entidade urbana ao longo do tempo, e principalmente as alterações (criação, mudança, eliminação) das relações entre entidades. (DUARTE, FREY, 2008, p.155)

Na mesma época, em que os princípios urbanos modernistas eram postos em prática em Brasília, Christopher Alexander escreveu um artigo com o título “Uma cidade não é uma árvore”. A metáfora da árvore remete a uma estrutura cujas partes se ligam de modo consequente, e que a partir do ponto em que um elemento se liga ao seu subsequente (e consequente), não há mais possibilidade de articulação com outras partes. Não há grupos fechados na sociedade moderna, para os autores “quando as forças imateriais não são consideradas têm-se planos de cidades estéreis” (DUARTE, FREY, 2008, p.155)

Outro exemplo é a revista *Archigram*, criada, em 1961, por jovens arquitetos ingleses, que propunha projetos para a cidade contemporânea e discutia a sociedade que se constituía cada vez mais interligada pelos meios de comunicação. *Archigram*, architecture + telegram, sintetiza a ideia da efemeridade, agilidade e instantaneidade de suas propostas. A intenção do grupo, segundo um dos seus principais membros, Peter Cook, não era a de criar uma nova cidade (ou sociedade),

mas refletir e expressar em seus projetos a vitalidade da vida urbana que eles já viviam.

Essas reflexões de Alexander e Archigram recolocam o pensamento sobre a realidade urbana em questão, distanciando-se da proposição de uma cidade nova e ideal dos modernistas como Le Corbusier, para o entendimento que a ação sobre a realidade urbana efetiva poderia se dar pela articulação, mutável e efêmera, de elementos existentes. Não mais a cidade como um sistema de funcionamento perfeito, mas como redes de objetos e ações mutáveis – e assim, portanto, articuladoras e desestruturadoras de novas redes. (DUARTE, FREY, 2008, p.167)

Um dos problemas metodológicos de se pensar as redes nas cidades é que a rede pode ser tanto uma estrutura que parece ensimesmada, fechada, estável, como as redes de encanamento de água (se não consideradas as relações com outros sistemas da cidade), como também uma quase não estrutura, cujas características principais são a agilidade e a instabilidade, composições instáveis e efêmeras, como as redes de pessoas se relacionando na cidade.

Os autores propõem que as redes não sejam denominadas urbanas apenas por acontecerem nas cidades, por terem as cidades como “receptáculo”, mas a partir do conceito de pregnância, ou seja, a rede para ser considerada urbana precisa ter “vínculo de causa, efeito ou circunstância, com a cidade”. (DUARTE, FREY, 2008, p.158)

Administrar e pensar a cidade a partir dessas redes instáveis é um desafio. A cidade infiltrada se constrói a partir das redes que são estabelecidas, redes não permanentes motivadas por interesses específicos. Os impactos não estão diretamente ligados a sua área geográfica. Todas as discussões sobre redes de governança, por exemplo, segundo Duarte e Frey (2008), ficaram presas a sua própria e exclusiva área do conhecimento e dificilmente atentaram ao fato de as características de tais arranjos de governança serem condicionados pelas redes de telecomunicações, informação e mobilidade.

3.2 RELACIONANDO CIDADE, REDES E MÍDIAS

O rádio, a TV e agora a Internet trouxeram mudanças às noções de tempo e espaço. A comunicação se tornou sincrônica; a informação, ubíqua. Todos os âmbitos da sociedade foram alterados, as relações sociais, a política, a transmissão da cultura, e assim, também a comunicação e a arte.

Num primeiro momento de difusão da Internet considerava-se que ela era um reduto de “relações virtuais”, separada das atividades do mundo real; em um próximo estágio, a Internet abarcou todo o mundo real, tornou-se uma extensão da vida, usada para comunicação no trabalho, serviços, interação com relações já existentes no “mundo real” e, no momento atual, os dois espaços se hibridizam, no sentido de produzirem experiências que não são exclusivas do mundo virtual, nem do físico.

Nos próximos tópicos serão abordados alguns exemplos de mídias e/ou manifestações em que se percebem as relações entre as interações mediadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, ou seja, o espaço de fluxos (Castells, 2003) e o espaço de lugar, ou espaço físico das cidades: as **mídias tácticas**, os **smart mobs e flash mobs** e as **mídias locativas**.

As *mídias tácticas* não são novas e nem exclusividade da cibercultura, mas se popularizaram nos anos 1990, com o barateamento das novas mídias, que podem ser combinadas com recursos presenciais. Os *smart mobs* e os *flash mobs* e as *mídias locativas* são um exemplo da interação direta da comunicação on-line com o espaço de lugar. Na primeira, as novas tecnologias de informação e comunicação são utilizadas para convocar as pessoas para uma manifestação de resistência ou lúdica, que acontece no espaço físico. Na segunda, há a relação direta do lugar com o mundo de informações virtual mediada por tecnologias sensíveis que tornam o local um dado, como o Sistema de Posicionamento Global (GPS).

3.2.1 Mídias táticas

Nos anos 1990, com a popularização da Internet, difundiram-se os usos das Mídias Táticas, que são definidos por Gonçalves (2007) como “apropriação, por parte de artistas, ativistas e cidadãos comuns de recursos digitais combinados com recursos presenciais – para mobilizar, sensibilizar e amplificar ações coletivas...” (GONÇALVES, 2007, p.1)

O termo mídias táticas foi criado pelo artista polonês Krzysztof Wodzisko, derivado dos estudos de Michael de Certeau. Para Certeau (1994, apud GONÇALVES, 2007, p.7) a tática implica em uma noção de cálculo, mas precário e temporário, feito de ocasião, enquanto a estratégia requer planejamento e gestão. Práticas de ativistas de mídias e festivais de novas mídias na Europa e nos EUA firmaram o conceito de “mídias táticas”. “Faça você mesmo” constitui suas identidades, o que não significa que elas sejam mídias alternativas, justamente porque as mídias táticas recusam a dicotomia entre mídia “mainstream” e mídia alternativa, amador x profissional.

O barateamento dos novos meios e características como o alcance e a descentralização na circulação das mensagens transformaram as ferramentas digitais em recursos estratégicos para ações no mundo das redes. O pensamento e estrutura da sociedade em rede não trazem mudanças apenas à relação com o espaço físico das cidades, mas às formas de resistência, política, mobilização e arte e possibilita novos esquemas de ação e participação.

Essas mudanças parecem estar abrindo espaço para o redimensionamento das práticas de resistência cultural na atualidade: um “uso crítico de tecnologias de informação e comunicação para produzir resistência a discursos e práticas de poder, através de ações virtuais e em espaços públicos” (GONÇALVES, 2007, p.2)

Além disso, essas ações também marcam a diluição das fronteiras entre arte e política, arte e vida. “A fusão entre arte e vida não nulifica o estético”, antes o fortalece e reinventa. (ROSAS, 2003, apud GONÇALVES, 2007, p.6) Nessa fusão o que morre é a noção de genialidade do artista para dar-se lugar a um processo criativo onde o artista seria um “pensador, um criador de estratégias de ação, um arquiteto de atos que vão reverberar” (GONÇALVES, 2007, p.6)

No contexto do uso das novas mídias, para o teórico de mídia e de Internet Geert Lovnik, (referências) há pouca diferença entre artistas e ativistas. Para ele, o traço comum entre eles é a “fome de pesquisa e sua mentalidade de questionamento à autoridade” (LOVNIK, apud GONÇALVES, 2007, p.7)

Nos anos 1990, presencia-se a confluência de ativismo, arte e hackers. Atualmente muitos grupos conhecidos como “coletivos”, constituídos por ativistas, intelectuais, estudantes, artistas e pessoas comuns, utilizam os meios para mobilizar ações virtuais ou combinadas com presenciais para discutir e sensibilizar sobre questões políticas, direito autoral (anti-copyright) e interatividade.

Um exemplo famoso é o de uma ação promovida pelo grupo Eletronic Disturbance Theater (EDT), em 1998, para auxiliar a situação dos zapatistas de Chiapas, no México, no episódio do massacre de indígenas que mobilizou a opinião pública mundial em 1996. O EDT criou o programa FloodNet, que congestionava o acesso a um site ao permitir repetidos downloads por várias pessoas no mundo inteiro, constituindo uma verdadeira performance coletiva e uma ação de “desobediência civil eletrônica”.

Esses exemplos formam o que foi chamado de “resistência nômade”, “caracterizada por um tipo de ação múltipla, simultânea, descentralizada e não-localizada, organizada e realizada em rede por distintos grupos” (GONÇALVEZ, 2007, p.14)

3.2.2 Smart Mob e Flash Mobs

Os *flash mobs* são exemplos de uma nova categoria em que as redes sociais nem se restringem às trocas virtuais, nem são utilizadas apenas como suporte para interações sociais já existentes, mas acabam dando novas possibilidades de ação no mundo, embaralhando as relações reais no espaço físico e as virtuais no ciberespaço de uma nova maneira.

O conceito de *smart mob* foi teorizado por Howard Rheingold em seu livro ‘Smart mobs: The next revolution’. As novas formas de agregação e manifestação social descritas por Rheingold podem ser de dois tipos: as *smart mobs* que têm

caráter político e as *flash mobs* que lembram os happenings dos anos 1970, com características artísticas e performáticas.

A *flash mob* consiste em reunir um grupo de pessoas num determinado local e hora a fim de realizar uma rápida encenação lúdica e em seguida dispersar. O roteiro enviado, principalmente, por e-mail, é disparado por um site onde o interessado em participar deve estar previamente inscrito. (SCHIECK, 2005, p.4). “São manifestações artísticas, lúdicas, que libertam a imaginação e buscam uma crítica ao cotidiano e à massificação dos comportamentos sociais”. (FREIRE, 2009, p.7657)

A primeira *flash mob* do mundo ocorreu em 2003 no centro de Manhattan, Nova York, onde cerca de cem pessoas foram convidadas, através de um e-mail enviado por “Bill” – ancorado no site ‘The Mob Project’ –, a se encontrarem no nono andar da loja de departamento Macy’s, ficarem apreciando os tapetes expostos por alguns minutos, em seguida pedirem aos vendedores o tapete do amor (*love rug*) e, assim como surgiram, deveriam se dispersar na multidão.

No Brasil, o primeiro *flash mob* noticiado aconteceu em São Paulo em agosto de 2003. O evento reuniu cerca de 100 pessoas no cruzamento da Avenida Paulista com a rua Augusta, uma das movimentadas de São Paulo.

Os participantes aguardaram o primeiro sinal verde após o relógio do canteiro marcar 12h40. Eles atravessaram a Avenida Paulista, tiraram um sapato cada e bateram com ele no chão, repetidas vezes. Logo em seguida, calçaram o sapato e foram embora. O fenômeno dos *flash mobs* está se espalhando rapidamente pela Europa e Estados Unidos. É uma manifestação sem objetivo político, articulada com instantes de antecedência por e-mail ou mensagens de telefone celular. (Jornal Estado de São Paulo, 2003 – FREIRE)

Com o slogan “o vermelho é a cor do próximo verão”, uma *flash mob* reuniu cerca de trinta pessoas vestidas de camiseta vermelha em, em plena Avenida Rio Branco, à uma hora da tarde, causando um grande tumulto no trânsito. (SCHIECK, 2005, p.6)

A *smart mob* mais conhecida no mundo foi a grande mobilização promovida na Espanha em 2004, após os atentados na Estação Ferroviária Atocha, em Madri. O governo espanhol, mesmo sem a devida investigação, atribuiu a autoria dos

atentados ao grupo separatista Basco, ETA, descartando a possibilidade (que depois se confirmara) de que o atentado poderia ser uma represália da rede Al Qaeda, pelo apoio do governo espanhol à política norteamericana no Iraque. Diante da mentira governamental, as pessoas se mobilizaram via mensagens de celular (SMS) e Internet, em passeatas e manifestações contra o governo que resultaram numa reviravolta nas eleições do país, que ocorreram poucos dias após o ato.

O “Réveillon fora de época” pode ser relacionado aos flash mobs como uma reunião lúdica que surge na Internet e vai se apropriar do espaço urbano de forma livre e autogestionada. Como afirma Lucas (2005, p.148), a comunidade imaterial parece não se contentar apenas com a coesão simbólica, os mobbers marcam presença na espacialidade da cidade sob a forma de multidão.

O *flash mob* é uma forma de resistência ao tempo veloz do ciberespaço. Podemos dizer que vem dele, mas ao mesmo tempo, nega o tempo “hiper-nano” deste espaço. Essa manifestação coletiva ainda escapa da regularização das instituições que regulam a ordem pública. “Pretende, ainda que momentaneamente, romper com a ordem espacial moderna da cidade... É uma forma de resistência ao espaço moderno, e porque não dizer, de uma nova percepção do espaço.”

Lucas (2005, p.151) pensa em um paralelo entre a suspensão temporal suscitadas pelos *flash mobs* e a teoria de Mikhail Bakhtin (1987, apud LUCAS, 2005) sobre o Carnaval. “No Flash Mob, assim como no carnaval, os indivíduos saem do cotidiano opressor, se permitem à aproximação resistindo ao tempo produtivo tão valorizado e difundido na época moderna, mas que hoje ainda perdura” na cidade urbana” (LUCAS 2005, p.151).

3.2.3 Mídias locativas

O espaço da conexão da Internet adicionado à “novidade” dos equipamentos móveis que possibilitaram o deslocamento da conexão e fizeram com que não fosse necessário “sair do mundo real” para se conectar ao mundo virtual foram denominados de espaços intersticiais (SANTAELLA, 2008) ou espaços informacionais (LEMOS, 2008).

Um exemplo de mídia que ocupa esses espaços intersticiais é o das “mídias locativas”, que integra o espaço de lugar ao uso dos espaços de fluxo. Mídias

locativas são definidas, pela Mciclopedia digital das novas mídias, como “tecnologias baseadas em lugares, ou seja, tecnologias sem fio, tecnologias de vigilância, de rastreamento e de posicionamento que permitem que a informação seja ligada a espaços geográficos” (SANTAELLA, 2008, p. 22) O exemplo mais conhecido de tecnologia que faz uso de computadores sensíveis a locais é o Sistema de Posicionamento Global (GPS).

As mídias locativas mudam a visão da relação entre espaço de lugar e espaço de fluxo. A conexão à Internet era vista como um isolamento, uma abstração, uma desmaterialização do espaço físico, para se conectar a um ambiente global de informação que pouco ou nada precisava ter a ver com o espaço físico em que estava a mídia e seu usuário.

Para as mídias locativas, o espaço físico não é mais apenas o local onde se encontra o aparelho, sem nenhuma relação com “o mundo de informações” a que se pode ter acesso. A comunicação feita nos “espaços de fluxo” pode estar intimamente conectada com o local onde se está. O local pode se tornar um dado, como por exemplo, por meio da câmera de um celular se identificar um estabelecimento comercial e se ter acesso às informações do local.

Acrescentaria que esses espaços híbridos não são decorrentes apenas dos dispositivos móveis, mas são observáveis em várias outras ocorrências da atualidade, como os já citados fenômenos de mobilização social, que aconteceram condicionados pelas possibilidades da comunicação mediada pelo computador.

As mídias locativas têm sido acusadas, por um lado, de serem usadas para uma era de monitoramento e vigilância ubíqua (SANTAELLA, 2008), mas também o são sua antítese nas reapropriações por parte das pessoas, em que “emergem novas formas de auto-organização espontâneas”.

... no seu coletivismo construtivo, as mídias locativas denunciam tanto o poder quanto os limites das novas formas de vigilância, desconstruindo as operações tecnológicas de controle político quando introduzem momentos de distorção ou incerteza nesses limites, ou quando constroem plataformas abertas que oferecem a chance de reverter, multiplicar ou refratar o olhar. Surge daí o potencial para mudar o modo como percebemos e interagimos com o espaço, o tempo e o outro, na medida em que atividades descentralizadas desafiam as estruturas hierárquicas da sociedade. (SANTAELLA, 2008, p.23)

4 O ANO SÓ COMEÇA DEPOIS DO CARNAVAL: RÉVEILLON VIRTUAL COMEMORADO NA PRAÇA

Uma ideia saída da cabeça de três amigos, Iuri Castelo, Isbella Fonseca, Nat Petry, divulgada no site de relacionamentos Facebook⁷, resultou num acontecimento de proporções gigantescas no dia 18 de março de 2011. Entre oito e 10 mil pessoas, segundo estimativas⁸, estiveram presentes na Praça da Espanha e seu entorno, conhecido como Batel Soho, próximo ao centro de Curitiba, para celebrar o que recebeu o nome de “Réveillon fora de época”. A mensagem do evento foi enviada a 27 mil pessoas e 5.452 pessoas, de 136 cidades do Brasil, confirmaram presença. Roupas brancas, fogos de artifício e até *champagne* e uva, tudo o que manda a tradição do Ano-Novo organizado pelas próprias pessoas.



FIGURA 1: Evento no Facebook.

FONTE: <https://www.facebook.com/events/171877269531908/>

A inspiração de reunir pessoas em um espaço público para comemorar o Ano-Novo em pleno março veio da repetida frase de que o ano no Brasil só começa mesmo depois do Carnaval. O evento não contou com nenhum atrativo extra, como

⁷ <https://www.facebook.com/events/171877269531908/>

⁸ <http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1109891&ch=>

banda ou campanha publicitária, além de alguns fogos. “O objetivo era reunir pessoas em uma praça para vivenciar algo novo. A festa foi organizada por todos que foram, já que cada um estava livre para se manifestar da forma que bem entendesse”, disse Iuri Castelo, redator publicitário de 28 anos, um dos três idealizadores.

Apesar da grande adesão, um acontecimento público nunca atrai apenas opiniões positivas. As conseqüências de um evento desse porte como a grande quantidade de lixo deixada no local e a rua feita de banheiro público foram alvo de críticas. Segundo informações da matéria publicada pela *Gazeta do Povo*, a prefeitura iria notificar os organizadores, com o argumento de que eram necessários dois alvarás para a realização do evento, mas isso não ocorreu.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE

Esse trabalho se iniciou com a realização de uma pesquisa teórica, revisando-se alguns conceitos sobre interação social mediada pelo computador, redes sociais e sites de redes sociais, hibridismo e fenômenos que participam dessa nova tendência, como os as mídias táticas, os *flash mobs* e *smart mobs* e as mídias locativas.

Para a análise empírica do tema foi escolhido um objeto emblemático, o “Réveillon fora de época”. O estudo de caso é útil na exploração de novos processos ou comportamentos e novas descobertas, porque tem a importante função de gerar hipóteses e construir teorias. Ele se aprofunda em apenas um ou poucos objetos, mas deverá haver sempre a preocupação de se perceber o que o caso sugere a respeito do todo e não o estudo apenas daquele caso.

Essa metodologia busca delinear o problema como um todo, mas apenas numa construção mental, porque o objeto não possui limites definidos na realidade. Alguns aspectos serão aqui analisados por uma limitação dada pelos objetivos, mas também pelas restrições da realização prática da pesquisa, o objeto não é esgotado e muitos aspectos importantes ainda podem ser analisados.

O estudo de caso sofre muito objeções como metodologia e é acusado de ser um procedimento pouco rigoroso: “Hoje, porém, é encarado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos.” (Yin, 2001 apud Gil, Antonio, 2007, p. 54) Ele não tem como objetivo proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas proporcionar uma visão global do problema ou identificar possíveis fatores que o influenciam ou são influenciados por ele.

O objeto empírico, como bem mostra a explanação sobre os híbridos, é um fenômeno novo, que carrega características da comunicação mediada por computador, mas numa relação que não se encerra aí. Isso gerou uma dificuldade: como classificá-lo, enquadrar o fenômeno em alguma categoria para ter noções do que e onde buscar na teoria o que já havia sido pensado e pesquisado para elucidar e dar contornos ao problema. Caminhou-se por algumas reflexões que pareciam ter características semelhantes.

Além da pesquisa teórica relacionada ao objeto empírico, três fontes de pesquisa foram selecionadas sobre o evento: postagens feitas na página criada no Facebook, *release* divulgado pelos organizadores para a imprensa e uma entrevista com uma das idealizadoras, Isbella Fonseca. Analisaram-se as postagens para perceber o evento na visão dos participantes, como e o quê foi o evento; o *release* e a entrevista com um dos idealizadores para entender a mobilização e a ideia que deu início a manifestação (divulgado pelos idealizadores quando a imprensa pedia informações) e a resposta da Prefeitura para saber a visão e o posicionamento (e se havia algum) em relação ao acontecimento, não isoladamente, mas tomando-o como exemplo de convocações informais pela Internet, pelo impacto que a ocorrência causa na cidade e na sociedade e que não fica restrito aos participantes, mas se estende aos moradores e comerciantes e outros frequentadores da região.

Serão abordados em tópicos: as chamadas para divulgação, publicadas no Tumblr e no Facebook; os assuntos mais frequentes nas postagens dos usuários e em seguida, separada em temas, uma análise do evento a partir das visões intercalada dos participantes, expostas nas postagens, dos idealizadores expostas

no *release* e da Prefeitura. As postagens dos usuários não foram identificadas por motivo de privacidade.

4.2 CHAMADAS DE DIVULGAÇÃO DO EVENTO

A divulgação foi realizada pelos organizadores exclusivamente pelos sites de redes sociais, Facebook e Tumblr⁹, mas também surgiram publicações feitas pela mídia em sites de jornais (segundo os organizadores, essas publicações surgiram por iniciativa dos próprios veículos; requeridas informações, o *release* era enviado).

Foram publicados no Tumblr e no Facebook chamadas em forma de “cartazes”, com slogans promovendo o evento com brincadeiras, humor e trocadilhos que misturaram bordões e cantadas populares adaptadas ao contexto de Réveillon.

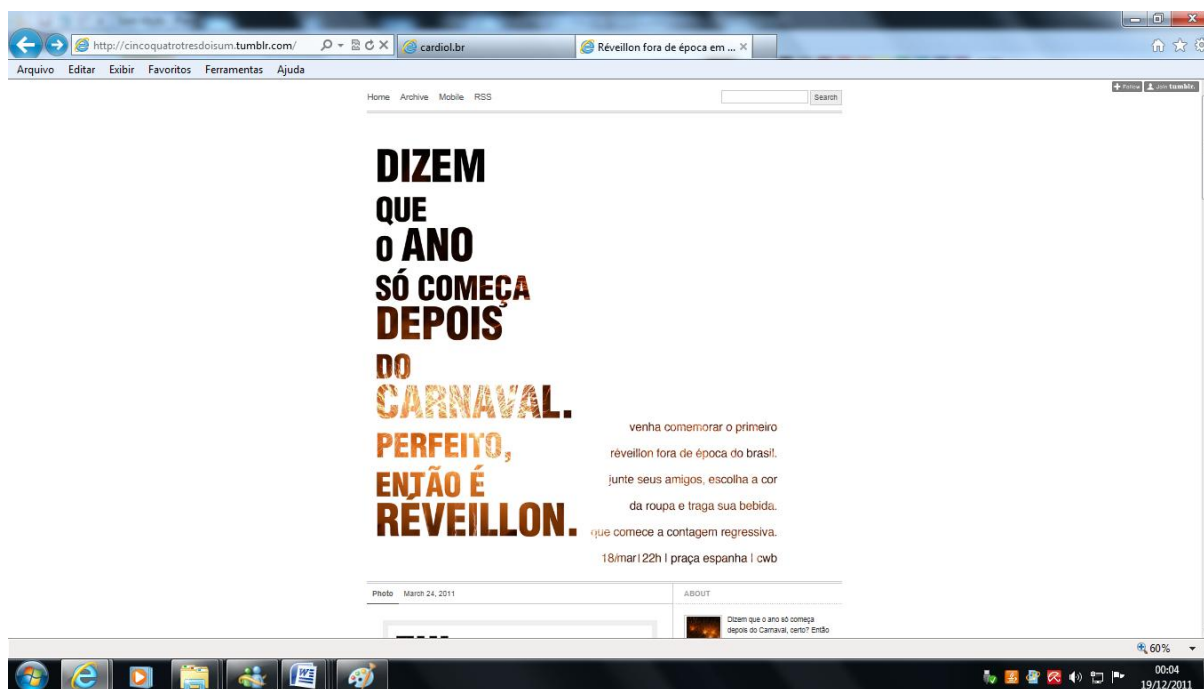


FIGURA 2: Tumblr do evento

FONTE: <http://cincoquatrotresdoisum.tumblr.com/>

⁹ <http://cincoquatrotresdoisum.tumblr.com/>

A primeira delas *Na sua taça ou na minha?* mescla a tradicional cantada “Na sua casa ou na minha” com um elemento emblemático do Ano-Novo, a taça, normalmente de champagne para comemorar o Ano-Novo. Outra brincadeira feita com uma cantada é a *Oi, você tem fogos?*, trocando “fogo” da cantada original por fogos, que se refere aos fogos de artifício, outro objeto simbólico usado nas comemorações. *Belo pernil e Foi bom pra você?*, publicado após o evento, foram outras chamadas utilizando a mesma estratégia. Um *meme* da Internet também teve lugar nas chamadas: *Fica, vai ter uva*, transformação do *meme* “Fica, vai ter bolo”.

Março is the new janeiro faz uso da expressão “azul (por exemplo) is the new black”. No caso da expressão “azul is the new black” há a substituição de algo clássico, mas também moderno, algo desejado, apreciado, por outro elemento da moda.

No *release*, os organizadores afirmam que a ideia foi propor, ainda que de forma fictícia, a oficialização de um pensamento que foi incorporado na nossa cultura: a de que o ano só começa depois do carnaval. Segundo eles, a ação foi concebida para chamar atenção e levantar o questionamento e cabe discutir se o pensamento é correto ou não. “Crescemos ouvindo isso, então devemos assumir nosso pensamento e ter nosso próprio Ano-Novo, um Ano-Novo brasileiro?”

4.3 LIVRE EXPRESSÃO PELO FACEBOOK

No Facebook, foi criado um evento pelos organizadores por meio do qual foram feitos os convites e onde se podia confirmar a presença (FIGURA 1). Além disso, como nos perfis pessoais, era possível postar textos, imagens, vídeos e fazer comentários.

O evento no Facebook¹⁰ e as postagens desde a sua data de criação continuam visíveis (exceto se tiverem sido apagadas pelos próprios usuários). A última postagem foi feita no dia 25 de outubro de 2011 e a primeira, dia 14 de março

¹⁰ <https://www.facebook.com/events/171877269531908/>

de 2011. Para a realização dessa pesquisa, optou-se por analisar essas postagens feitas pelos participantes e pessoas envolvidas na situação de alguma forma, que queriam opinar sobre o evento mesmo sem terem participado.

As postagens e os respectivos comentários do evento foram lidas e observados os assuntos que apareceram de forma frequente. Foram criados grupos que agrupam esses assuntos que mais se repetiram e que possuem alguma pertinência com a pesquisa teórica já realizada e o recorte desejado para essa análise. As postagens foram então enquadradas em um ou mais desses grupos. Uma postagem poderia ter elogios, por exemplo, mas também ressaltava as consequências do evento, como a quantidade de lixo deixada no chão. As postagens somadas aos comentários, muitas vezes, formavam pequenas discussões sobre os assuntos. Foram selecionados os seguintes assuntos:

- a) elogios:** postagens em que os participantes demonstraram sua aprovação ao evento, expressando grande adesão e admiração. Muitos deles são textos curtos, às vezes, apenas um adjetivo avaliando de forma positiva e com empolgação a festa; outros são postagens maiores que elogiam, mas também incluem outros pontos aqui presentes;
- b) grande quantidade de pessoas:** postagens normalmente expressando espanto com a grande quantidade de pessoas, relacionado também com congestionamento, falta de bebidas nos estabelecimentos próximos. A quantidade de pessoas é um indicativo da importância, do alcance, da projeção do evento;
- c) cultura curitibana:** postagens que continham discursos percebidos com frequência na e sobre a cidade de Curitiba, como o de que curitibanos são “fechados”, anti-sociais, conservadoras, não gostam de festas, que a cidade não possui eventos festivos, de lazer, ou ainda sobre o rótulo de “cidade ecológica”;
- d) reclamação da quantidade de lixo, da urina ou da destruição dos canteiros:** postagens que demonstravam preocupação ou indignação com o estado da Praça após o evento: muito lixo, urina (pela falta de banheiros), canteiros estragados. Geralmente esses textos relacionavam esses

problemas à falta de educação, responsabilidades das pessoas individualmente, culpa dos organizadores ou omissão da Prefeitura;

- e) **reclamação de o evento não ter apresentado organização:** comentários que responsabilizavam os organizadores pelos problemas, como a situação da Praça após o evento, ou por não ter havido planejamento já tendo em vista as conseqüências de tantas pessoas reunidas, como a disponibilização de lixeiras e banheiros químicos. Outros também reclamavam da falta de música ou outros atrativos, como um maior show de fogos. Nessas postagens, cobra-se todo o planejamento, execução e responsabilidade pelas conseqüências do evento para os organizadores. Em alguns comentários, por exemplo, cita-se uma suposta notificação feita pela prefeitura aos organizadores. (A divulgação do evento deixava claro que os organizadores só propuseram a ideia e que a festa seria “feita por cada um”.);
- f) **apontar como características positivas o evento ser independente e não ter fins lucrativos/ cobrar a responsabilidade de cada um:** nessas postagens, ao invés de reclamarem da falta de organização, os participantes destacavam como positivo para o evento o fato de não ter fins lucrativos e ser independente. Muitos chamavam atenção para a necessidade de responsabilidade individual;
- g) **cobrar apoio/organização da prefeitura:** postagens que cobram apoio da prefeitura com o evento, com a disponibilização de lixeiras, banheiros químicos, policiamento, unidade de atendimento médico;
- h) **mobilizar/utilizar espaços públicos:** comentários que utilizam o termo “mobilização” ou falam da importância ou com “saudosismo” de se utilizar os espaços públicos;
- i) **pacífico/ unir tribos diferentes:** postagens em que os participantes engrandecem e se surpreendem com a paz e ausência de conflitos no evento, tendo em vista a grande quantidade de pessoas e a ausência de policiamento;

- j) **Internet/redes sociais:** usuários comentam o “poder de mobilização” do site de mídia social Facebook ou da Internet, de uma forma geral, na realização do evento;
- k) **evento cultural/artístico:** postagens que falavam do evento dentro de um contexto cultural e artístico maior;
- l) **encontrar amigos, se divertir:** comentários em que os usuários falam que encontraram muitos amigos e se divertiram;
- m) **rebaixamento do site de rede social Orkut :** algumas postagens comemoraram o fato de o evento ter sido divulgado pelo site de rede social Facebook e não pelo Orkut (e também não haver envolvimento da Prefeitura, o que para alguns provocaria uma “orkutização do evento”), demonstrando um preconceito com os usuários desse site e um fenômeno recente de segregação entre os usuários dessas diferentes mídias sociais;

QUANTIDADE DE POSTAGENS:

Durante o evento: período em que estaria acontecendo o evento (horário citado na descrição e divulgação do evento no Facebook: das 22 horas do dia 18 de março de 2011 às 9 horas do dia 19 de março de 2011).

TOTAL – 421

Elogios: 55

Grande quantidade de gente: 40

Falta de organização (falta de lixos, banheiros, fogos, música...): 15

Lixo/destruição: 9

Cultura curitibana: 6

Sem fins lucrativos, alternativo independente: 6

Mobilização/Redes sociais: 4

Pacífico: 1

Postagens durante o evento

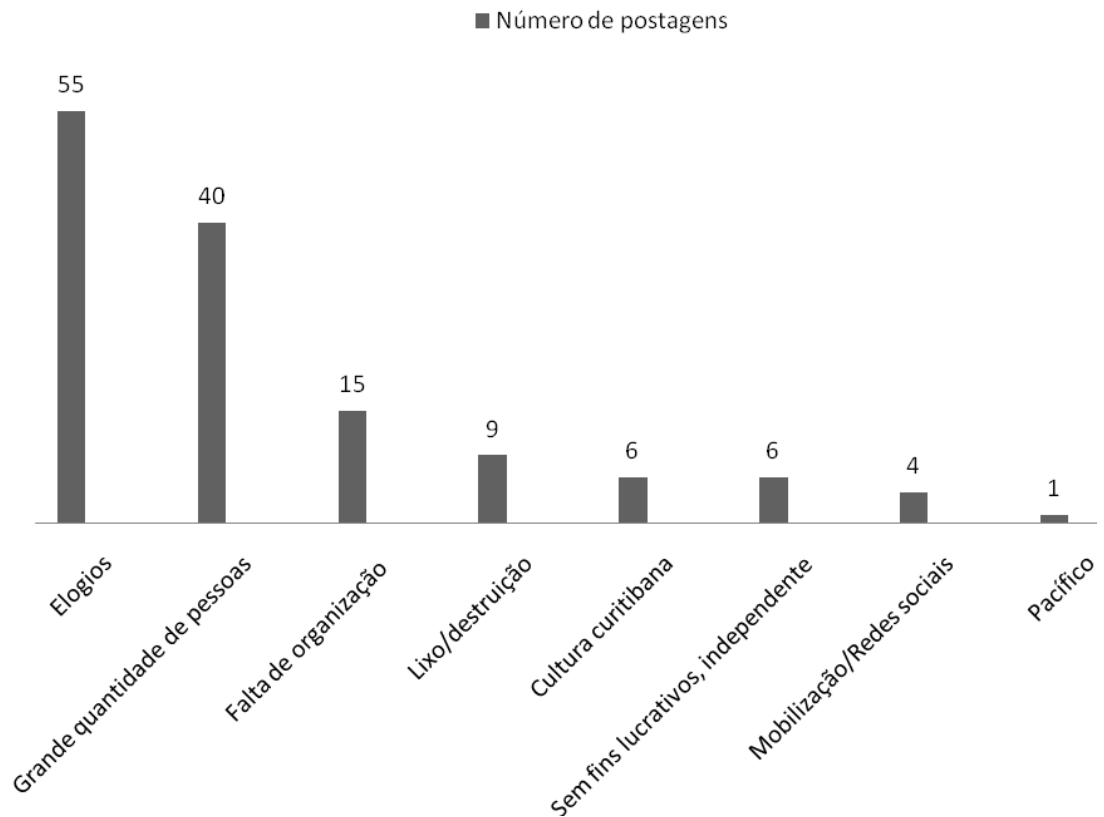


GRÁFICO 1 – Assuntos mais frequentes das postagens no evento criado no Facebook durante a sua realização

FONTE: O autor (2011)

Depois do evento: 25 de Outubro das 15h16 até às 9 horas de 19 de março de 2011

TOTAL - 470

Elogios: 159

Reclamação da quantidade de lixo, da urina ou da destruição dos canteiros: 54

Cultura curitibana: 32

Grande quantidade de pessoas: 31

Reclamação de o evento não ter apresentado organização: 26

Apontar como características positivas o evento ser independente e não ter fins lucrativos/ cobrar a responsabilidade de cada um: 21

Encontrar amigos, se divertir: 21

Cobrar apoio/organização da prefeitura: 20

Mobilização/utilizar espaços públicos: 20

Pacífico/ Unir tribos diferentes: 17

Internet/Redes sociais: 11

Evento cultural/artístico: 3

Rebaixamento do site de rede social Orkut : 9

Postagens durante o evento

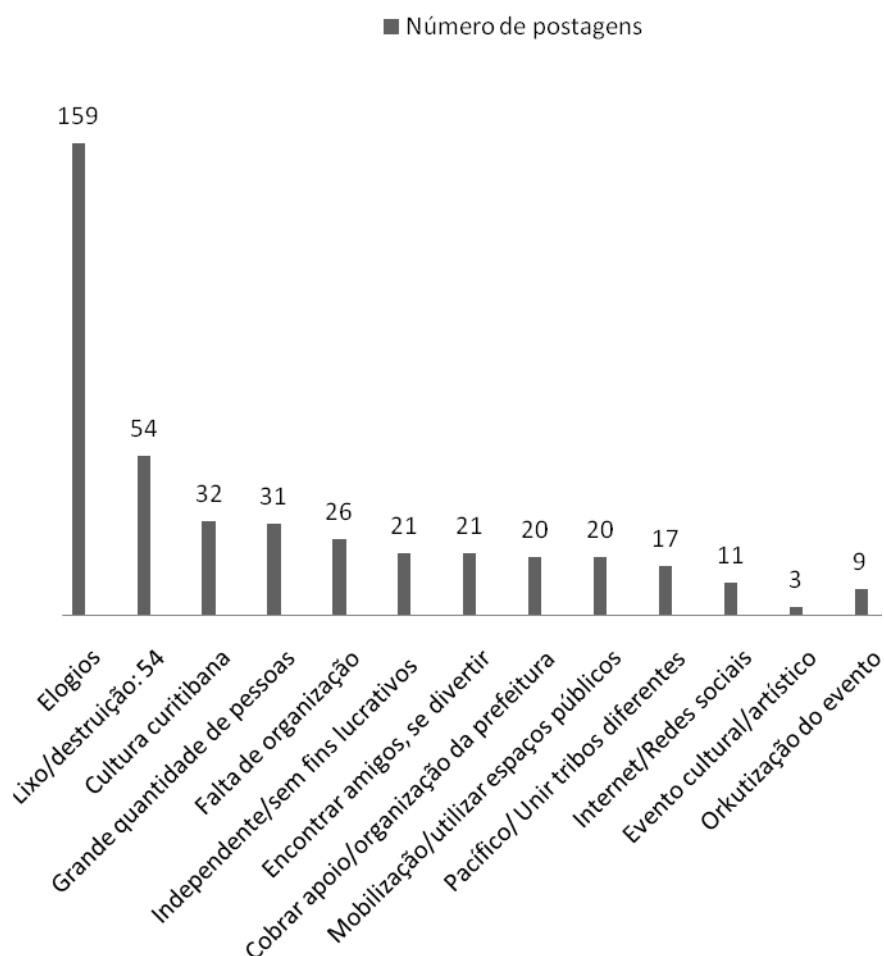


GRÁFICO 2 - Assuntos mais frequentes das postagens no evento criado no Facebook depois de sua realização

FONTE: O autor (2011)

4.3.1 A festa

Antes do evento, o que contagiava eram a curiosidade, a expectativa, a empolgação diante de cada aumento incrível na quantidade de pessoas que

confirmava presença pelo Facebook. Nas postagens, surgiam elogios, perguntas, críticas, sugestões, humor, brincadeiras e principalmente compartilhamento de ideias e opiniões sobre a cidade e a sociabilidade que se vive.

Já no caminho, as pessoas que apostaram na ideia enfrentaram trânsito muito lento, congestionamento, nada de lugar para estacionar e desespero para não passar a virada no carro! Uma ideia simples e “genial, visionária” -- como descreveram alguns participantes -- concretizada por meio de uma divulgação simples e sem custos, deu origem ao que muitos chamaram de “melhor festa de Curitiba”, “O melhor reveillon que já passei!” [sic]

“o engarrafamento pra chegar na praça começou cedo. Foto da Vicente Machado as 22hrs, pra tentar virar na Brigadeiro Franco. A Cel. Dulcidio estava bloqueada.” [sic]



FIGURA 3 - Congestionamento nas ruas próximas à Praça da Espanha
 FONTE: Fotos do evento no Facebook¹¹

4.3.2 Uma multidão sai de casa para comemorar o ano que começa depois do Carnaval

O evento chamou a atenção principalmente pela quantidade expressiva de pessoas que atraiu para a Praça da Espanha e seu entorno, conhecido como Batel

¹¹

(<https://www.facebook.com/media/set/?set=o.171877269531908&type=1#!/photo.php?fbid=10150157855836869&set=o.171877269531908&type=1&theater>)

Soho, por meio quase que exclusivamente do convite pelo Facebook e pela comemoração irreverente, celebrar o ano que começa em março, depois do Carnaval. O número significativo de pessoas, que não marcaram presença apenas virtualmente, mas se dirigiram até o evento, e ainda se dispuseram a pensar em roupas “adequadas” (brancas) e outros detalhes característicos do Ano-Novo, são indicativos da força da plataforma virtual de redes sociais Facebook. Sua eficácia não ficou restrita a difundir informação, mas em sensibilizar, convocar e mobilizar pessoas. Percebemos o espanto com a quantidade de pessoas nas postagens dos usuários, como:

A - caraaaaacas, lotou a praça, as ruas, tudo!!!! só faltou uma música boa para animar mais a galera! [sic]

B - Parabens lotada a praca da Espanha!!! Maior loucura coletiva curitibana/facebookiana que participei!!! [sic]

C - galera que quizer ir agora nao aconselho nao tem mais espaco nem dentro do chafariz...umas dez quadras ao redor da praca lotado carro nem chega perto.e um mar de gente.feliz ano novo a todos... [sic]

D -Se houver um próximo terá que ser no barigui pelo tanto de gente que tinha lah! Haha [sic]

4.3.3 Os amigos, os amigos dos amigos, os amigos dos amigos dos amigos na Praça

A reunião de milhares de pessoas na Praça não surgiu a partir de uma intenção deliberada de se realizar um evento, a divulgação não tinha o intuito de dar origem a uma grande manifestação. Como afirmou Isbella: “A vontade era reunir os amigos no banco da praça e comemorar o ano que começa no Brasil somente depois do carnaval. Sem pretensão nenhuma de reunir o número de pessoas que compareceram na praça”.

O evento não foi marcado como privado, ficou aberto a todos que gostassem da ideia, mas Isbella reafirma que não houve nenhuma organização de evento e que toda a articulação surgiu dos usuários do Facebook a partir do lançamento da ideia na rede. Para ela, o Facebook foi o grande “organizador” do réveillon. “Penso que sem ele não teríamos atingido o numero de pessoas que o post do facebook atingiu.

No evento, o papel da Internet foi ser o grande articulador do encontro dessas pessoas que compareceram.” Alguns usuários compartilham da sua opinião:

A- o poder do facebook!!! em pouquissimos dias conseguiram juntar aquela manada! foi mto irado mesmo!!! [sic]

B - Eu diria que sobretudo mostra o poder da internet, independentemente da rede social que se utilizou pra difundir essa idéia. O que aconteceu lá ontem dá Case para a sociologia e para a comunicação. O carnaval não é legal de passar aqui? Então nos adiantamos e fazemos do nosso jeito aos domingos lá no Largo. O reveillon em Curitiba é inexpressivo? Então fazemos depois e de um maneira diferente. (...) [sic]

C- Foi muito interessante a iniciativa deste evento, mostra a força das redes sociais e a vontade de todos de participar de algo que possa fazer uma diferença.



FIGURA 4 - Uma multidão lota a Praça da Espanha
FONTE: Fotos do evento no Facebook¹²

A divulgação pelos organizadores foi feita exclusivamente por sites de redes sociais em um período de quatro dias, atingindo cerca de 27 mil pessoas no Facebook, com mais de 5 mil confirmações de presença na página do evento. Além do Facebook, utilizaram também o Tumblr, onde registraram mais de 16 mil visitas, vindas de 136 cidades do Brasil e outros 34 países.

¹²

<https://www.facebook.com/media/set/?set=o.171877269531908&type=1#!/photo.php?fbid=10150157855836869&set=o.171877269531908&type=1&theater>

Atingiu-se a espantosa presença de oito a 10 mil pessoas após apenas quatro dias por meio de uma comunicação boca a boca pelo Facebook. Os convidados pelo recurso do evento no Facebook eram amigos dos três organizadores que convidavam seus amigos e assim sucessivamente. Dessa forma, o ponto inicial e central da divulgação e mobilização das pessoas foi o que é chamado de comunicação viral e não uma comunicação de massa, em que um único emissor de uma mensagem atinge todos os envolvidos.

Cada receptor da mensagem compartilhava também com seu círculo social, não só pelo próprio recurso de difundir o convite para o evento no Facebook, mas falando sobre o evento, utilizando-se de outros espaços na mesma rede social e em outras. Além disso, o evento foi comentado nos espaços de convivência presenciais como escola, faculdade e outros ambientes coletivos, criando um burburinho sobre a ação. A mensagem, enfim, se espalhou pelos próprios atingidos. Além disso, quando já apresentava certo grau de visibilidade e popularidade, o evento foi também divulgado por mídias de massa, como sites de jornais e TV.

Segundo um novo estudo sobre o Facebook, divulgado dia 22 de novembro de 2011, o grau de separação médio entre quaisquer duas pessoas no Facebook é de 4,74, ou seja, bastante inferior ao popular 6 (6 graus de separação) do famoso estudo do Milgram em 1967¹³. Isso quer dizer que, em uma média, um usuário do Facebook é ligado a qualquer outro do mundo por no máximo “4,74” conhecidos. Para Recuero¹⁴, esse resultado não é uma novidade - pois temos nas nossas redes on-line mais amigos e conhecidos - mas têm conseqüências relevantes no mundo.

Para a autora, a evidência final é a de que esses sites reduzem sim as distâncias nas redes sociais. Para ela, assim como já se afirmou com Castells (2003), a rede social on-line é diferente da off-line. Ela é mais fácil de ser mantida e tem um impacto muito grande na vida das pessoas. Para ela quanto mais amigos as pessoas têm na rede on-line, mais rápido circulam as informações. “Assim, ter

¹³ http://www.nytimes.com/2011/11/22/technology/between-you-and-me-4-74-degrees.html?_r=1

¹⁴ http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/facebook_grau_de_separacao_e_redes_sociais.html

conexões na rede é um valor, é um tipo de capital social relevante que traz aos membros da rede benefícios”.

Questionou-se à organizadora Isbella se a Internet, principalmente os sites de redes sociais, como o Facebook, traz mudanças às relações sociais e às formas de lazer, não apenas dentro do espaço virtual, mas modificando o “mundo real.” Para ela, o facebook “não modifica o mundo real, e sim modifica a forma na qual as pessoas se comunicam e o tempo em que isso acontece”. Ela afirma que o site, sem dúvidas, traz mudanças na forma de lazer, que podem ser boas ou ruins a depender da forma como é utilizado, mas que a Internet não substitui a presença real das pessoas.

4.3.4 Todos fazem a festa

O evento não se encaixa em nenhuma de nossas categorias habituais de lazer. Não era uma festa no sentido usual com música e comida, nem um show, uma apresentação, uma comemoração de “um feriado que já exista”. Especulava-se, por exemplo, que poderia ser uma campanha publicitária. Parecia muito estranho para a maioria ser apenas um convite “para comemorar o ano que começa depois do Carnaval na Praça”. Por isso, mesmo não tendo sido pensado como um evento, frisou-se que era uma iniciativa “independente e sem fins lucrativos”.

A festa seria feita por cada um que fosse, afirma-se no *release*. “A ideia consistia apenas em reunir pessoas em uma praça, vivenciando algo novo. Nosso papel foi a ideia, o resto foi com cada um.” Ou seja, os “organizadores”, na verdade, foram apenas idealizadores, pensadores do evento. A independência da manifestação, não vinculada a uma empresa ou iniciativa formal da prefeitura, foi, para muitos, o motivo do seu sucesso. Em uma postagem há a opinião de que o evento mostrou êxito porque foi sem fins lucrativos, “somente com a vontade de reunir amigos, do FB e celebrar o ano q começa...” [sic] Essas postagens demonstram o cansaço de se viver em um mundo que não se é cidadão, mas consumidor, nada existe se não pela compra, nem formas de lazer e sociabilidade.

Já para outros, faltou organização, dos idealizadores, patrocínio privado ou apoio da prefeitura: “só faltou um foguetório maior, faltou a idéia de conseguir uns patrocinadores, mas fica pra próxima” [sic]. E alguns usuários responderam a essas críticas afirmando que a ideia e a identidade da manifestação dependiam da independência do evento:

A - Galera do bem, passei por lá agora pouco...

"(...) Não achei desorganizado, justamente por que não houve organização" Tratava-se de "uma celebração independente, alternativa e sem fim lucrativo. A idéia foi dada, o resto é com cada um". O que infelizmente não aconteceu foi em relação a consciência do lixo na manhã seguinte.

Só ...pra deixar claro: A Praça da Espanha encontra-se limpa e não está danificada, como muitos falaram, feirinha rolando normalmente, tudo ok! Parabéns pela iniciativa! Foi maravilhoso... [sic]

C - mas isso que é legal...é um movimento independente, sem interverência do governo...faltou mesmo foram os músicos dessa cidade prestarem seus humildes votos pra a música tenha espaço para surgir de onde quer que seja fazendo um showzinho, mesmo que acústico e mostrar suas habilidades [sic]

Contudo, o evento não foi apenas criatividade, sucesso de público, união e paz, deixando o chão tomado por lixo e outros problemas como urina e canteiros de flores destruídos. Esses inconvenientes motivaram questionamentos e cobranças aos responsáveis. Para um grupo parece inconcebível um acontecimento sem um líder, seja para organizar, dispor infra-estrutura, ou para ser cobrado por eventuais falhas, se necessário. Enquanto para outros, faltam responsabilidade e consciência individual.

A - Quem organizou que deveria se preocupar...eu fiz a minha parte. e vcs? [sic]

B- bem, eu acho que a organização fez sim a sua parte, avisando aqui que não teria lixos nem banheiros, que era pra cada um cuidar do próprio lixo. a culpa não é da organizacao, a culpa não é de ninguém.. são os ossos do ofício... sou totalmente a favor do evento, e mais ainda sou contra qualquer forma de patrocínio que da prefeitura.. a essencia não é o lucro, e sim a diversão.. a festa é de todos, a responsabilidade também [sic]

C - sob o pretexto de reunir os amigos para tomar umas, três pessoas inconsequentes emitem spam para 8 mil pessoas os convidando para um pseudo-evento sem qualquer organização, banheiro químico ou o que valha, em uma área residencial. Irresponsabilidade, no mínimo... Ou eles vão juntar o lixo de seus convidados amanhã de manhã. Pimenta e mijo na esquina da casa dos outros é frescor, né?

D - Porém, da próxima vez não vamos esquecer a educação em casa, se é um movimento público o nosso dever é de sempre deixar o local exatamente igual ao que encontramos - todo o lixo que produzimos deve ser levado embora por cada indivíduo. [sic]

Os organizadores, no *release*, lamentaram os transtornos causados aos moradores e comerciantes locais. Eles afirmaram ser freqüentadores da Praça e saberem o quão importante ela é para a região. “Ressaltamos diversas vezes a importância de preservar o local, porém, infelizmente, algumas pessoas não atenderam ao apelo de conscientização”.



FIGURA 5 – A reunião deixou muito lixo pela Praça
FONTE: Fotos do evento no Facebook¹⁵

Para Isbella, o que faltou não foi organização, mas consciência para jogar o lixo no local correto porque, como lembra, mesmo em eventos organizados pela prefeitura, como a Virada Cultural, no fim de cada show o chão era encontrado com garrafas, latas.. Porém, ela também concorda que poderiam haver mais lixeiras, porque “muitas pessoas que foram pra lá, nem sabiam o que estava ocorrendo. Ficaram sabendo nos corredores das universidades ou do trabalho e foram ver o que estava ocorrendo...”

¹⁵

<https://www.facebook.com/media/set/?set=o.171877269531908&type=1#!/photo.php?fbid=10150157855836869&set=o.171877269531908&type=1&theater>

4.3.5 A Prefeitura

Segundo uma informação publicada no jornal *Gazeta do Povo*,¹⁶ os organizadores seriam notificados, mas isso não aconteceu, segundo Isbella. Além da dúvida sobre a notificação, nas postagens havia vários posicionamentos com cobranças à Prefeitura para que não tivesse permitido o evento, notificasse os organizadores, ou, que ao contrário, deveria ter apoiado e disponibilizado banheiros, lixos.

A - Apesar da sujeira, que já era previsível, a ideia da festa foi sensacional. Ao invés de criticar, façam algo e vão limpar. Juntem sacos de lixo e vassouras e pronto, sua contribuição para a cidade está feita. Se a festa conseguiu movimentar essa quantidade de gente, por que um mutirão de limpeza não poderia funcionar. Com essa e outras iniciativas, talvez até haja a conquista do apoio da prefeitura, com melhor organização, banheiros químicos e equipe de limpeza.

B - da proxima vez a prefeitura que coloque algumas centena de pipimovel espalhado (a palavra centenas é bem importante) e distribui umas sacolas de lixo que resolve 80% dos problemas

C - O estranho foi a quase que total falta de policiamento no transito e na praça.

D - Policiamento? Somos civilizados. Não precisamos do Estado

E - cadê a tropa de choque que não chega para descer o sarrafo na jaguarada? Ou melhor, nos organizadores..

F - Hahaha "A prefeitura vai notificar os organizadores do evento"

Prefeitura Ridícula.

Devia é se comprometer a aprimorar o próximo evento.

Mas não.

A partir de hoje fica proibido ser feliz em Curitiba.

E as praças terão limite de utilizadores simultâneos.

Para saber por que os organizadores não foram notificados e também seu posicionamento em relação aos eventos informais, espontâneos, convocados pela Internet, entrou-se em contato com a Prefeitura.

A ligação foi transferida para vários setores e quase todos afirmaram que ficaram sabendo do evento e que receberam muitas reclamações, mas a responsabilidade só seria da Prefeitura se tivesse havido uma solicitação formal. O

¹⁶ <http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1109891&ch>

chefe do departamento de fiscalização da Secretaria Municipal de Urbanismo de Curitiba, Nelson Roberto Gapski, informou que em qualquer evento que não se tenha solicitado permissão, a responsabilidade de cuidar de algum problema é da polícia. Se houver identificação do responsável, a polícia pode tomar alguma atitude como uma multa no âmbito administrativo, não seria o caso de uma notificação. Mas ele também afirma nunca ter visto aplicação de multa para casos parecidos. “Não há como a Prefeitura monitorar esse tipo de movimentação na Internet. Se houvesse algo maior, se configuraria uma “infração eletrônica” e a responsabilidade de rastrear o responsável seria da Polícia Federal”.

Na Alemanha, autoridades de estado exigiram a proibição de festas convocadas pela Internet, após a necessidade de a polícia intervir em vários eventos que reuniram centenas de pessoas¹⁷. "Quando a segurança e a ordem pública são ameaçadas, as convocações de festas através do Facebook devem ser proibidas de antemão", disse em entrevista ao jornal *Welt am Sonntag* o ministro do Interior do estado da Baixa Saxônia, Uwe Schünemann.

Em junho de 2011, um convite para uma festa de aniversário no Facebook reuniu 1.600 pessoas em Hamburgo. A jovem Thessa, que completava 16 anos, não marcou convite como privado e, sim, público. Resultado: cerca de 1.600 desconhecidos se concentraram em frente à casa da adolescente. Segundo a polícia local, onze pessoas foram detidas – e posteriormente liberadas – por lesão corporal.

Resta saber se os órgãos setorializados, a cidade “separada em blocos monofuncionais” dos projetos modernistas está preparada para lidar com a imprevisibilidade, a força das mobilizações da Internet. O que fazer? Proibir? Institucionalizar e tirar talvez a identidade desses acontecimentos? Como lidar com esses híbridos? Lidar com a Internet é só lidar com a privacidade de dados na Internet e com a pirataria? O que pode ser feito e como extrair o que há de melhor nessas potencialidades? Questionada se o evento teria a mesma identidade com a participação da prefeitura ou de patrocinadores, Isbella respondeu “boa pergunta”.

¹⁷ <http://exame.abril.com.br/tecnologia/facebook/noticias/alemaes-estudam-proibir-festas-organizadas-no-facebook>

4.3.6 A festa é na Praça

No início, era um convite feito aos amigos, mas mesmo assim, segundo Isbella, havia o desejo que a ideia atingisse mais pessoas, fossem 10 pessoas ou 15 mil, “até porque foi realizado numa Praça e não dentro de um salão de festas”. Mas os organizadores afirmam nunca terem imaginado o grande alcance e ficaram surpresos com a adesão à ideia, principalmente pelo fato de haverem pessoas vestidas de branco, com champagne, uvas e etc. Eles afirmam no *release* que acreditam que a ação foi extremamente democrática, por não ter havido predeterminação de estilos musicais, tribos e, sobretudo, por ter sido realizada em praça pública. “A praça foi criada para o lazer do povo, e assim ela foi utilizada.”

A praça foi escolhida, segundo Isbella, “por ser próxima da moradia de todos, já que a ideia era encontrar os amigos somente. Mas acredito sim que Curitiba está se abrindo cada vez mais para eventos de rua, como é o caso do Garibaldis e Sacis e também a Virada Cultural que chegou a reunir 50 mil pessoas em um show”. Os participantes também expressaram suas opiniões sobre o evento ter sido realizado na Praça:

A - Espaço público é espaço público.

B - que beleza!!! bom demais curtir os espaços públicos, afinal é pra isso que eles existem. [sic]

B tem mais gente do que em jogo do atletiba!!

C - afinal no atletiba vão os atleticanos e os coxas...ferro na praça envolve todo o resto da população que torce pra outros times E os que não torcem pra nenhum...porque afinal quem não gosta de gente não devia viver em cidades

4.3.7 A festa quebra paradigmas

“Foi bom demais! Rompeu de vez alguns paradigmas curitibanos...”, afirma um participante do evento, ao que um dos organizadores, Iuri Castelo, responde “A ideia era essa. Feliz 2011”. Curitiba não possui uma comemoração tradicional de Ano-Novo. Para se ter mais “badalação”, a maior parte de seus moradores vai para o litoral. Assim, a irreverência de um Ano-Novo em pleno março com uma festa

dessas proporções em Curitiba, convocada pela Internet foi incomum: “=Nossa... eu jurava que não ia dar nada essa festa. Mas foi do caralho! \o/” [sic] e “Nunca pensei que fosse ver isso em Curitiba. Sensacional....” [sic]

Curitiba, como muitos escreveram no evento no Facebook, não tem muitas festividades ao ar-livre. Segundo vários deles, Curitiba “não tem nada”. Além disso, seus moradores têm a fama de serem fechados, antipáticos, anti-sociais, “curitibocas”. A cidade, que também carrega pelo mundo o troféu de “capital ecológica”, levou para a rua milhares de pessoas, que se divertiram numa ação irreverente e lúdica, e que motivaram muitas críticas e revolta, porque deixaram um rastro de lixo, urina e destruição na Praça. Por isso, o evento foi “uma quebra de paradigmas”, além de ser uma comemoração de uma data específica fora dessa mesma data, o evento foi de encontro a várias características e rótulos da cidade.

Todos os idealizadores não são paranaenses. Isbella, mineira, diz que os curitibanos são mais “fechados”, mas ela afirma nunca ter tido nenhuma dificuldade em fazer amizades na cidade nem em pedir informações nas ruas. Ela acha que esse perfil “curitibano” já vem se modificando há um tempo e que as pessoas, de forma geral, (pois ali havia pessoas de todas as partes do Brasil), “estão dispostas a se encontrar, dispostas ao novo e claro, também a sair e curtir uma noite bonita de lua cheia com a praça cheia e muitas pessoas diferentes”.

A - ANIMAL...CURITIBA NUNCA TEM NADA...PRA QUEM RECLAMOU VAI MORAR NO SITIO, FAZENDA...TODA CAPITAL TEM EVENTOS SALVADOR, RIO E SAMPA... ENTÃO SE A PREFEITURA E NINGUÉM AJUDOU NA ESTRUTURA PACIENCIA...LIXO É CONSEQUENCIA...98% DA LATAS FORAM RECICLADAS SEGUNDO A COCA-COLA ENTÃO TA BOM... [sic]

B - Fazia tempo que eu não via tanta gente reunida em céu aberto em Curitiba. A festa com certeza fez lembrar a muitas pessoas de que temos um enorme espaço para encontros onde nós Curitibanos poderíamos provar que nem somos tão "frios" assim. PEDREIRA JÁ! !!!! [sic]

C - Para mim foi uma boa iniciativa e melhor ainda, sem confusão, como se fosse uma grande reunião com os amigos, mas deu tristeza de ver que tem muita gente que não faz jus ao nome da Capital Ecológica. Canteiros de uma praça totalmente destruídos e lixo por todos os lados não é atitude de gente civilizada. O povo de Curitiba pôde provar que não somos todos frios e chatos, fazendo de um simples convite de se reunir numa praça juntar uma multidão amigável, mas infelizmente o título de exemplo que damos ao país ficou com manchas. Que na próxima vez haja mais organização, limpeza e consciência deste povo. :)

D - E comemorem a iniciativa de conseguir juntar todos os "curitibocas" mal humorados no mesmo local, se divertindo de maneira pacífica. Porque no fim, todo mundo reclama da fama do curitibano de gente que não se mistura e não faz nada para representar e dar características boas para a cidade. A sujeira, claro, foi lamentável, mas a proposta e a festa em si, excelentes.

5 CONCLUSÃO

A partir da observação sistemática, organizada, de manifestações pontuais na sociedade, como o “Réveillon fora de época”, procura-se entender processos de mudanças maiores na sociedade. Com o uso da Internet, o conseqüente surgimento do ciberespaço e a intensificação da sensação de ubiqüidade com o uso das tecnologias móveis, o cerceamento imposto pelo espaço físico à comunicação e às relações sociais foi derrocado. Inaugura-se um novo espaço de relações possíveis nas cidades, mas não um espaço virtual, restrito e isolado. Pode-se notar pelo fenômeno analisado, e por outros citados e cada vez mais noticiados, que as relações propiciadas por essas tecnologias já não podem mais ser chamadas de virtuais se o termo carregar o sentido de que suas operações são restritas a um espaço independente, excludente, com características e relações isoladas de um “mundo real”.

Cada computador, celular e outras tecnologias, ligados à rede mundial de computadores se tornou um “portal” para um mundo de informação. Até a criação e popularização das tecnologias móveis, compartilhávamos uma imagem de que era necessário “sair de um mundo real e físico” para navegar na Internet. Com as tecnologias móveis e Internet wireless, mas também com as manifestações como o “Réveillon fora de época” de relações hibridizadas, de complexa interação entre virtual e espaço físico, cada ponto da cidade é também um ponto virtual.

As relações resultantes desses novos processos de sociabilidade não restringidos pelo espaço físico alteram a dinâmica das cidades. O espaço urbano ganha novos delineamentos e significados com as relações calcadas nas escolhas dos indivíduos, pautadas mais nas subjetividades, valores e visões de mundo próprias e menos em instituições. As desconstruções das identidades tradicionais, fenômenos da chamada pós-modernidade, super-modernidade, geram e ao mesmo tempo são intensificadas com as mudanças que se tornaram possíveis a partir das novas tecnologias.

A efervescência da troca de ideias fomenta as ressignificações das relações e do espaço. No episódio do “Réveillon fora de época”, a praça que já não é espaço político, nem de lazer, para a maioria da população, é novamente apropriada para o

divertimento, como espaço de sociabilidade e em uma atitude política, não significando “política partidária”, política como atividades dos políticos, como é popularizado o termo, mas no sentido de pensar e viver a coletividade.

A tecnologia é criada e apropriada pelo homem, mas por condicionar mudanças velozes na sociedade provoca uma sensação de “impactos”, ou seja, conseqüências que parecem independentes das ações humanas. A Internet não é uma panaceia, mas, em uma conjunção com outros fatores, condiciona transformações que trazem novos ares e que podem ser positivos, dependendo de nossos usos.

As alterações sociais não ocorrem exclusivamente pela introdução de tecnologias, mas simultânea a mudanças na visão de mundo, que são num movimento complexo causa e conseqüência do uso intensivo dessas tecnologias. A técnica, como a rede mundial de computadores, não cria novos mundos sozinha, mas abre caminhos escondidos. Ao tornar possível o que antes não era é como se ela mudasse as barreiras do tempo e do espaço natural.

A Internet não gerou uma cibercidadania planetária, um espaço de comunicação e realização cívica livre e plena (pelo menos não até agora), como advogam os autores mais otimistas, mas acontecimentos, como o “Réveillon fora de época”, mostram que ela disponibiliza um espaço público (para quem tem acesso a essas tecnologias), onde as pessoas podem expressar opiniões, difundir informações, discutir ideias, convocar, mobilizar pessoas com incrível rapidez e alcance. Observa-se potencial para a quebra de uma predominância do período anterior: a produção e veiculação pública de mensagens e valores por poucos emissores; o fluxo unidirecional, ou seja, sem possibilidade de o receptor divulgar a sua resposta, (no sentido da produção técnica e da divulgação da resposta “no mesmo plano” da emissão, não considerando a interpretação dessas mensagens reduzidas a produção ou a mensagem) e massivo, um grande número de receptores recebendo a mesma mensagem, sem diversidade e heterogeneidade.

Além da aquisição desse espaço de expressão e discussão, percebe-se com a festa de motivo irreverente na Praça e com a multiplicação de passeatas e convocações, em geral, pelo Facebook, como visto também em outros lugares do mundo, um convite a um retorno a reuniões. Ao contrário de uma grande massa

(que recebia os mesmos conteúdos) formada por indivíduos solitários em frente à tecnologia, a Internet - além de permitir que acessemos inúmeras mensagens, produzidas por uma quantidade multiplicada de emissores e que interagimos, mesmo sem a proximidade física e em tempo síncrono - pode, como nesse caso, reunir uma multidão presencialmente nas ruas. Essas novas mídias mostram que a cidade está permeada pelos espaços de fluxo: pode-se acessar esse mundo de informações em qualquer canto. A interação on-line, no evento “Réveillon fora de época”, incitou a uma manifestação coletiva no espaço público, sem intervenção de instituições privadas ou do governo.

Disso conclui-se que essas redes sociais on-line, chamadas de egocentradas, não estão sendo usadas apenas para “fins narcísicos” e vivência de papéis fantasiosos. As multidões se reúnem novamente. Contudo, não são as multidões da sociedade industrial, do início da urbanização que se encontram “por acaso” na contigüidade da cidade ou pela proximidade de moradia, local de trabalho. A multidão que foi para a Praça da Espanha no dia 18 de março de 2011 é uma multidão formada por laços das interações entre as pessoas: as redes sociais. A praça se enche novamente por uma multidão formada pela rede de amigos, conhecidos, amigos dos amigos e assim, sucessivamente.

É o que Castells (2003) denomina “individualismo em rede”: um novo padrão de interação social que se forma pelas relações escolhidas, por necessidades e estratégias dos indivíduos. As redes sempre existiram, mas a Internet promove a manutenção de muitos vínculos, multiplicando os laços fracos e fortalecendo laços fortes. Ela também facilita a comunicação entre essas redes, com uma difusão muito rápida e sem grandes esforços, gerando a mobilização de milhares de pessoas, como nesse evento.

Continua-se, como num primeiro momento da Internet, trocando-se informação de interesse comum com “desconhecidos”, transpondo as relações do mundo real para a Internet, como se aprendeu num segundo momento, e agora percebendo que a Internet pode ser usada para novos modelos de ação na sociedade.

Essas novas ações são híbridas, ou seja, acontecem no emaranhamento do espaço virtual com o espaço físico. De que outra forma, senão pelos condicionamentos que a Internet trouxe a nossa realidade, seria possível um evento com as características do “Réveillon fora de época”?

A partir dessas misturas vivenciamos o novo, transformamos o antigo. Na Internet, há várias manifestações do hibridismo, nas combinações de linguagens, de mídias, e agora nessa interconexão dos espaços físicos de circulação com os espaços virtuais de informação. O virtual não pode ser pensado como um território restrito aos computadores em nossas casas, suas redes estão em toda a cidade. O mundo está acontecendo numa junção entre virtual e real, num espaço geográfico complexificado pelas redes telemáticas. Um exemplo curioso dessa grande interação do lugar com os espaços digitais são as mídias locativas, tecnologias que não estão restritas a emitir informações, mas são sensíveis ao local, utilizando-o como informação. O “espaço de lugar” não é mais irrelevante para o mundo de informações digitais.

Ao invés de estarmos multiplicando os não-lugares (AUGÉ, 1994), lugares de passagem, sem significação, estamos ressignificando os lugares, não de acordo com a tradição, mas com mudanças que surgem das vivências. Contudo, as cidades modernas foram pensadas em setores, em blocos monofuncionais, aos quais os híbridos não se adaptam. Como pensaram os jovens arquitetos criadores do projeto *Archigram*, não é preciso construir novas cidades perfeitas, mas saber realocar os objetos e sujeitos nessas redes.

As tecnologias de informação e comunicação podem ser usadas, como no exemplo das mídias táticas, para produzir resistência a discursos e práticas de poder, através de ações virtuais e em espaços públicos. Essa nova forma de ativismo é descentralizada, um trabalho colaborativo que vai na direção de apagar a “noção de gênio individual do artista”. O “Réveillon fora de época”, por exemplo, reflete características da rede on-line: a liberdade, a abertura, vínculos flexíveis, a não institucionalização, não hierarquia entre os nós.

É comum ouvir o discurso de que o virtual é coisa de “nerd”, que se expressar, reclamar, protestar, criticar, nada do que é feito na Internet tem valor. Se

a Internet não é “séria”, como um espaço de discussão, publicação de ideias, mobilização de pessoas, é principalmente porque as pessoas a fazem assim, repetindo tal discurso e agindo de forma a constituí-la dessa forma.

Um exemplo simples, mas muito concreto para a maior parte das pessoas dos efeitos no “mundo real”, é a força das redes sociais, principalmente do Twitter e do Facebook, na hora de resolver algum problema com empresas e lojas¹⁸. As reclamações são ouvidas e solucionadas muito mais rapidamente nesses canais do que pelos Serviços de Atendimento ao Consumidor (SACs) tradicionais, pela visibilidade dos comentários que causa uma influência negativa à marca e que antes ficavam restritos a empresa e consumidor.

Se as empresas aproveitam as potencialidades da Internet, por que a sociedade de forma geral não pode ser beneficiada? Ficam pontos a serem refletidos, pesquisados e por que não incorporados à sociedade: a Internet e os sites de redes sociais e seu potencial, aqui demonstrado, de expressão, divulgação, comunicação, discussão; sua potencialidade criativa, de transformar, ressignificar e trazer o novo; seu poder de contestação e resistência.

O “Réveillon fora de época” sugere um retorno ao pensar e viver o coletivo simultâneo a um empoderamento dos cidadãos que deixam a condição de apenas consumidores e receptores passivos das mídias de massa. Além disso, a partir do acontecimento, suas conseqüências positivas e negativas, frisa-se a “materialidade” dessas relações: elas são concretas quando acontecem no espaço virtual ou quando saem às ruas. A cultura colaborativa, a ausência de líderes pode formar cidadãos mais participativos, mas pode também gerar problemas “sem responsáveis”. Pode-se brincar com essas novidades celebrando um “Réveillon fora de época”, mas não esquecer que essas potencialidades estão no “mundo real” – virtual e físico.

18

<http://www1.folha.uol.com.br/tec/989698-redes-sociais-sao-mais-ageis-que-sac-como-canal-de-reclamacao.shtml>

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sonia. **Redes Sociais na Internet: desafios à pesquisa**. Disponível em: <http://www.sitedaescola.com/downloads/porta1_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 25/04/2011

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DUARTE, F.; FREY, K. Redes Urbanas. **O tempo das Redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FREIRE, Geovana Maria. **Ciberespaço e Smart Mobs: a ressignificação de lugares e construção da cidadania planetária**. Disponível em: <http://www.conpedi.org.br/anais/36/05_1771.pdf>. Acesso em: 23/04/2011.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas. 2007.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. **Resistência nômade: arte, colaboração e novas formas de ativismo na Rede**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, Agosto, 2007.

GOSCIOLA, Vicente. **Sociabilidades e Realidades Permeáveis**. **Revista de Estudos de Sociologia**. v. 13, n. 25 (2008). Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1143/929>>. Acesso em: 18/05/2011.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). *In: Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

LEMOS, André. **Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura**. Galáxia. n. 8. Outubro, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34 Ltda., 1999.

LUCAS, Giovana Azevedo. **Muito barulho por nada? Flash mobs como forma de coesão social e apropriação do espaço urbano**. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_13_GiovanaLucas.pdf>. Contemporânea. N4. 2005.1. Acesso em: 29/04/2011.

OROZCO, Guillermo. **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PRADO, Gilbertto. Redes e ambientes virtuais artísticos. **O tempo das Redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Editora Meridional: 2009.

RHEINGOLD, Howard. **Smart mobs: the next social revolution**. Cambridge, MA: Perseus Publishing. 2002.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista das mídias locativas**. Dossiê ABCiber. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 37. Dezembro, 2008.

SCHIECK, Mônica. **Flash Mob: da interação em rede à intervenção urbana**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0812-2.pdf>>. Acesso em: 25/04/2011.

Sites acessados:

Dicionário Oxford escolhe palavra do ano em tecnologia nos EUA – IDG Now – Tecnologia em primeiro lugar. Disponível em: <<http://idgnow.uol.com.br/internet/2009/11/17/dicionario-oxford-escolhe-palavra-do-ano-em-tecnologia-nos-eua/>>. Acesso em: 25/07/2011.

Pôneis e outros memes, TTs e Contexto – Social Media Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/poneis_e_outros_memes_tts_e_contexto.html>. Acesso em: 15/09/2011.

Número de usuários ativos na internet cresce 12% no Brasil – Tecnologia e Games – G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/11/numero-de-usuarios-ativos-na-internet-cresce-12-no-brasil-1.html>>. Acesso em: 28/11/2011

Número de usuários ativos na internet cresce 12% no Brasil – Tecnologia Terra Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI5492460-EI12884,00-Numero+de+usuarios+ativos+na+internet+cresce+no+Brasil.html>>. Acesso em: 28/11/2011

Se essa rua fosse minha. Caderno G – Gazeta do Povo. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1109891&ch=>>> Acesso em: 10/04/2011

O único reveillon fora de época do Brasil! Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/171877269531908/>>. Acesso em: 25/03/2011

<<http://cincoquatrotresdoisum.tumblr.com/>>. Acesso em: 26/03/2003

Separating You and Me? 4.74 Degrees. The New York Times. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/11/22/technology/between-you-and-me-4-74-degrees.html?_r=1>. Acesso em: 24/11/2011

Facebook, Grau de Separação e Redes Sociais – Social Media. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/facebook_grau_de_separacao_e_redes_sociais.html>. Acesso em: 23/11/2011

Redes sociais são mais ágeis que SAC como canal de reclamação. Folha. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/989698-redes-sociais-sao-mais-ageis-que-sac-como-canal-de-reclamacao.shtml>>. Acesso em: 20/10/2011

ANEXOS

ANEXO 1 – *Release* do “Réveillon fora de época” divulgado pelos organizadores ..66

ANEXO 2 – Entrevista com Isbella Fonseca, uma das organizadoras do “Réveillon fora de época” 68

ANEXO 1

Release

RÉVEILLON FORA DE ÉPOCA

Nossa idéia foi propor, ainda que de forma fictícia, a oficialização de um pensamento que incorporamos na nossa cultura: a de que o ano só começa depois do carnaval. Crescemos ouvindo isso, então devemos assumir nosso pensamento e ter nosso próprio Ano Novo, um Ano Novo Brasileiro? A ação foi concebida para chamar atenção e levantar o questionamento. Cabe discutir se o pensamento é correto ou não.

A iniciativa foi totalmente independente e sem fins lucrativos. Nosso objetivo foi apenas convidar algumas pessoas para um encontro divertido e inusitado.

Pelo caráter da nossa proposta, não foi disponibilizado música, bebidas, etc. A idéia consistia apenas em reunir pessoas em uma praça, vivenciando algo novo. Nosso papel foi a idéia, o resto foi com cada um. Como dizemos, a festa foi organizada por todos que foram, já que cada um estava livre para se manifestar da forma que bem entendesse, sendo essa em alusão ao Réveillon ou não.

A divulgação foi feita exclusivamente por redes sociais em um período de quatro dias, atingindo cerca de 27 mil pessoas no Facebook, com mais de 5 mil confirmações de presença na página do evento. Além do Facebook, utilizamos também o Tumblr, onde registramos mais de 16 mil visitas, vindas de 136 cidades do Brasil e outros 34 países.

Não recebemos dados oficiais da quantidade de pessoas presentes no dia da ação, mas ouvimos estimativas de que entre 8 e 10 mil compareceram à praça e seus arredores.

Por se tratar de uma ação sem precedentes na cidade –talvez até mesmo no país, não pudemos estimar com antecedência se o público confirmado de fato

estaria presente. Sendo assim, qualquer expectativa em relação quantidade de pessoas seria mera especulação. Posso dizer que ficamos surpresos com a adesão à idéia, já que vimos muitas pessoas vestidas de branco, com champagne, uvas e etc.

Acreditamos que a ação foi extremamente democrática, já que não houve predeterminação de estilos musicais, tribos e, sobretudo, por ter sido realizada em praça pública. A praça foi criada para o lazer do povo, e assim ela foi utilizada.

Lamentamos profundamente os eventuais transtornos causados aos moradores e comerciantes locais. Somos freqüentadores da praça e sabemos o quão importante ela é para a região. Ressaltamos diversas vezes a importância de preservar o local, porém, infelizmente, algumas pessoas não atenderam ao apelo de conscientização.

Participamos e incentivamos ações como a Quadra Cultural, Virada Cultural, Garibaldis & Sacis, Psycho Carnival, etc. Por essas e outras iniciativas, acreditamos que Curitiba está cada vez mais despontando no cenário nacional como pólo de cultura. E essa é a Curitiba que acreditamos. A Curitiba que fazemos parte.

ANEXO 2

Entrevista com Isbella Fonseca, uma das organizadoras do “Réveillon fora de época”

Pergunta: Como surgiu a ideia de organizar o evento? Qual era a “intenção” de vocês? Teve a participação de alguma instituição, organização?

Resposta: Não foi organizado nenhum evento. Lançamos a idéia no facebook para amigos e gerou toda uma articulação dos usuários do facebook que fez com que a praça Espanha lotasse no dia que ocorreu o réveillon. Mas nunca houve organização nenhuma.

Pergunta: A vontade inicial era fazer uma festa, reunir pessoas utilizando a Internet, mais especificamente o Facebook, ou surgiu justamente da frase repetida de que o ano no Brasil só começa depois do Carnaval?

Resposta: A vontade era reunir os amigos no banco da praça e comemorar o ano que começa no Brasil somente depois do carnaval. Sem pretensão nenhuma de reunir o numero de pessoas que compareceram na praça

Pergunta: Como foi feita a divulgação? (Confirmando um evento no Facebook, um Tumblr.) Quanto tempo antes o evento começou a ser divulgado? Sairam matérias em jornais, foi mandado *release* para a imprensa?

Resposta: Somente pelo facebook... Daí montamos um tumblr com algumas chamadas..

Sairam matérias em jornais.. Eles nos pediam infos e mandavos o *release* que te enviamos....

Pergunta: Vocês acham que uma festa com essas características, como vocês mesmo a descreveram, organizada “espontaneamente” por cada pessoa que foi, poderia ter sido organizada sem o site de rede social? Qual o papel da Internet nesse evento? Vocês acreditam que a internet, principalmente os sites de redes sociais na Internet, como o Facebook, traz mudanças às relações sociais e às formas de lazer, não apenas dentro do espaço virtual, mas modificando o “mundo

real”? (Como no caso do evento, a Internet foi utilizada para mobilizar pessoas, mas a ação acontece mesmo na praça da cidade.)

Resposta: Acredito (eu, Isbella) que o facebook foi o grande “organizador” do réveillon. Penso que sem ele não teríamos atingido o numero de pessoas que o post do facebook atingiu. No evento, o papel da Internet foi ser o grande articulador do encontro dessas pessoas que compareceram.

Acho que o facebook não modifica o mundo real, e sim modifica a forma na qual as pessoas se comunicam e o tempo em que isso acontece. Mas sem duvida traz mudanças na forma de lazer, podendo ser boas ou ruins dependendo da forma como se utiliza o mesmo. Mas como você disse, a internet não substitui a presença real de cada pessoa em nossa vida.

Pergunta: Outro ponto interessante é que Curitiba não tem uma comemoração tradicional de Ano-Novo. Vocês acham que um Réveillon na data correta teria a mesma recepção ou foi justamente a “irreverência” de ser fora da data que chamou a atenção das pessoas?

(Não foi respondida)

Pergunta: Como foi escolhido o local? Vocês também acham, como afirmado por muitas que a cidade está mais aberta a eventos de rua?

Escolhemos a praça por ser próxima de onde todos morávamos, já que a idéia era encontrar os amigos somente. Mas acredito sim que Curitiba está se abrindo cada vez mais para eventos de rua, como é o caso do Garibaldi e Sacis e também a Virada Cultural que chegou a reunir 50 mil pessoas em um show.

Pergunta: Quem fez os cartazes? Foi um trabalho de equipe? Eles possuem referências a ‘bordões’ e até a memes, como o “Fica, vai ter uva”, vocês consideram que isso cria uma identidade com as pessoas no “mundo virtual”?

(Não foi respondida)

Pergunta: Vocês imaginavam que iriam tantas pessoas? Qual era a expectativa antes e qual é a avaliação após o evento? Como vocês consideram a recepção que teve a festa? Por que vocês acham que ela reuniu tantas pessoas? O que mais

chamou a atenção? Houve problemas? Quais? Vocês foram notificados pela prefeitura?

(Não foi respondida)

Pergunta: Vocês pensam em organizar um próximo evento?

(Não foi respondida)

Pergunta: "Quem" foram as pessoas convidadas pelo Facebook? Amigos de vocês que convidaram amigos de amigos e assim sucessivamente?

Resposta: Exato

Pergunta: Você percebeu algum 'perfil' das pessoas que participaram? Observei nas postagens do evento um grande número de pessoas ligadas a comunicação, design, universitários em geral...

Resposta: Na verdade acredito que se uniram varios tipos de pessoas, desde os que fizeram roda de capoeira, até os que toparam ir de branco e champagne.

Pergunta: Você e as outras organizadoras são de Curitiba? O que você acha da fama dos curitibanos serem 'fechados', anti-sociais?

Resposta: Somos todos de fora de Curitiba e do Paraná. Comparando-se a Minas, os curitibanos são mais fechados, porém nunca tive nenhuma dificuldade em fazer amizades na cidade nem em pedir informações nas ruas. Acho que esse perfil "Curitibano" já vem se modificando a um tempo...

Pergunta: A grande quantidade de pessoas no evento mostra que o curitibano está disposto a 'festar'?

Resposta: Não só o curitibano pois ali haviam pessoas de todas as partes do Brasil. Acredito que as pessoas estão dispostas a se encontrar, dispostas ao novo e claro, também a sair e curtir uma noite bonita de lua cheia com a praça cheia e muitas pessoas diferentes.

Pergunta: Muitas pessoas responsabilizaram a 'organização' pelos problemas, como o lixo, mas a descrição do evento afirmava que a festa seria feita por cada um. Você acha que é possível essa 'auto-organização' num evento desse porte?

Resposta: Acho que não é muito complicado levar uma sacola de lixo, jogar suas latinhas e garrafas dentro da mesma, e deixar perto de um ponto de coleta de lixo. Porém 'w necessário consciência de cada um que se dispõem a isso. Mesmo em eventos com organização são encontrados lixos pelo chão, como foi o caso da Virada Cultural, que, no fim de cada show, o chão se encontrava cheio de garrafas, latas entre outros. Não é organização nem presença de lixos que fará com que as pessoas respeitem e sim, consciência de jogar o lixo no local correto. Porém sem duvida faltaram lixos no réveillon pois muitas pessoas que foram pra lá, nem sabiam o que estava ocorrendo. Ficaram sabendo nos corredores das universidades ou do trabalho e foram ver o que estava ocorrendo...

Pergunta: Também muitos comentavam que a prefeitura deveria ter arranjado banheiros, lixeiras, infra-estrutura e que isso deve acontecer em um novo evento. Com a participação da prefeitura e patrocinadores o evento teria a mesma identidade?

Resposta: Boa pergunta.